

BEST-SELLER DO THE NEW YORK TIMES
MAIS DE 500 MIL EXEMPLARES VENDIDOS

DEUS

deus não é grande

DEUS

COMO A RELIGIÃO ENVENENA TUDO

CHRISTOPHER HITCHENS

GOBOLIVROS

Material com direitos autorais

Copyright © 2007 by Christopher Hitchens
Copyright © 2016 by Editora Globo S.A.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida – em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem a expressa autorização da editora.

Texto fixado conforme as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995).

Título original:
God Is Not Great: How Religion Poisons Everything

Editor responsável: Estevão Azevedo
Editor assistente: Juliana de Araujo Rodrigues
Editor digital: Erick Santos Cardoso
Preparação: Jane Pessoa
Revisão: Thiago Barbalho e Delfin
Diagramação e Capa: Studio DelRey

1ª edição, 2016

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

H582d

Hitchens, Christopher, 1949-2011

Deus não é grande : como a religião envenena tudo / Christopher Hitchens ; tradução George Schlesinger. - [2. ed.] - São Paulo : Globo Livros, 2016.

Tradução de: God is not great : how religion poisons everything

Inclui índice

ISBN 978-85-250-6222-2

1. Bíblia - Crítica, interpretação, etc. 2. Bíblia - Interpretações islâmicas. 3. Alcorão - Comentários - História e crítica. 4. Monoteísmo - Estudos comparados. I. Título.

15-27826 CDD: 231.76

CDU: 26'652'

Direitos exclusivos de edição em língua portuguesa para o Brasil adquiridos por Editora Globo S.A.

Av. Nove de Julho, 5229 — 7º andar

São Paulo — SP — 01407-907

www.globolivros.com.br

Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[1. Colocando delicadamente](#)

[2. A religião mata](#)

[3. Uma breve digressão sobre o porco; ou por que o céu detesta presunto](#)

[4. Uma nota sobre saúde, para a qual a religião pode ser arriscada](#)

[5. As alegações metafísicas da religião são falsas](#)

[6. Argumentos de um desígnio](#)

[7. Revelação: o pesadelo do “Velho” Testamento](#)

[8. O “Novo” Testamento ultrapassa o mal do “Velho” Testamento](#)

[9. O Corão é emprestado de mitos tanto judaicos quanto cristãos](#)

[10. O espalhafato do miraculoso e o declínio do inferno](#)

[11. “A marca de sua origem humilde”: os primórdios corruptos da religião](#)

[12. Uma coda: como as religiões acabam](#)

[13. A religião faz as pessoas se comportarem melhor?](#)

[14. Não existe solução “oriental”](#)

[15. A religião como Pecado Original](#)

[16. A religião é abuso infantil?](#)

[17. Uma objeção antecipada: o “argumento” da última trincheira contra o secularismo](#)

[18. Uma tradição mais refinada: a resistência do racional](#)

[19. Em conclusão: a necessidade de um novo Iluminismo](#)

[Posfácio](#)

[Agradecimentos](#)

[Índice remissivo](#)

[Notas](#)

Para Ian McEwan
Em serena recordação de La Refulgencia

*Ó enfadonha condição da humanidade,
Nascida sob uma lei, atada a outra;
Gerada em vão, ainda assim vaidade proibida,
Criada enferma, ordenada a ser sadia.*
FULKE GREVILLE, *Mustapha*

*E pensas que a alguém como tu,
Um fanático qualquer, faminto, de ínfimos miolos,
Deus deu um segredo, e o negou a mim?
Bem, bem — o que importa? Acredita nisso, também!*
Rubayat, DE OMAR KHAYYAM (COM BASE A TRADUÇÃO PARA O INGLÊS DE
RICHARD LE GALLIENNE)

*Pacificamente morrerão, pacificamente hão de expirar em teu nome, e além do túmulo
encontrarão apenas morte. Porém manteremos o segredo, e para sua própria felicidade os
seduziremos com uma celestial e eterna recompensa.*

O GRANDE INQUISIDOR AO SEU “SALVADOR”, EM *Os irmãos Karamázov*

COLOCANDO DELICADAMENTE

SE O LEITOR QUE PRETENDE LER ESTE LIVRO QUISE IR ALÉM de discordar do seu autor e tentar identificar os pecados e as deformidades que o animaram a escrevê-lo (e com certeza tenho notado que aqueles que declaram publicamente caridade e compaixão e capacidade de perdoar estão frequentemente inclinados a adotar essa postura), então ele ou ela não estará somente brigando com o incognoscível e inefável criador que — presumivelmente — optou em me fazer desse jeito. Eles estarão conspurcando a memória de uma mulher boa, sincera e simples, de fé estável e decente, chamada sra. Jean Watts.

Foi tarefa da sra. Watts, quando eu era um menino de mais ou menos nove anos e frequentava uma escola na periferia de Dartmoor, no sudoeste da Inglaterra, instruir-me em lições sobre a natureza e, também, sobre a escritura. Ela nos levava, a mim e a meus colegas, para passeios numa parte especialmente deliciosa da minha linda terra natal, e nos ensinava a distinguir os diferentes pássaros, árvores e plantas uns dos outros. A impressionante variedade a ser encontrada num matagal; a maravilha de uma ninhada de ovos descoberta num intrincado ninho; como, se as urtigas nos picassem as pernas (tínhamos de vestir shorts), haveria por perto, plantada, bem à mão, uma língua-de-vaca com sua folha capaz de aliviar a dor: tudo isso permaneceu na minha mente, do mesmo modo como o “museu do encarregado da caça”, onde o campesinato local exibia cadáveres de ratos, doninhas e outros predadores e bichos nocivos, supostamente fornecidos por alguma divindade menos gentil. Se você ler os imperecíveis poemas rurais de John Clare, poderá captar a melodia do que estou tentando transmitir.

Em aulas posteriores, recebíamos uma folha de papel impressa intitulada “Pesquise as Escrituras”, que era enviada à escola por qualquer

que fosse a autoridade nacional encarregada de supervisionar o ensino da religião. (Isso, junto com o serviço de preces diárias, era obrigatório e implantado pelo Estado.) O papel continha um único versículo do Velho ou do Novo Testamento e a tarefa era pesquisar o versículo e, então, contar à classe ou à professora, oralmente ou por escrito, qual era a história e a moral. Eu, em geral, adorava esse exercício, e costumava ser excelente a ponto de (como Bertie Wooster) frequentemente passar com “nota máxima” nas aulas de escritura. Foi a minha primeira introdução à crítica prática e textual. Eu lia todos os capítulos que antecediam o versículo e todos os que o sucediam, para ter certeza de que entendera o “ponto” da referência inicial. Ainda consigo fazer isso, para grande aborrecimento de alguns dos meus inimigos, e ainda tenho respeito por aqueles cujo estilo às vezes é desconsiderado como “meramente” talmúdico, ou corânico, ou “fundamentalista”. Esse é um treinamento mental e literário bom e necessário.

No entanto, chegou um dia em que a pobre e querida sra. Watts se excedeu. Procurando ambiciosamente fundir seus dois papéis de instrutora da natureza e professora da Bíblia, ela disse: “Então vocês estão vendo, crianças, como Deus é poderoso e generoso. Ele fez todas as árvores e a grama para serem verdes, que é exatamente a cor mais repousante para os nossos olhos. Imaginem se, em vez disso, a vegetação fosse roxa, ou laranja, como seria horrível”.

E agora observe o que essa velha beata danada forjou. Eu gostava da sra. Watts: ela era uma viúva sem filhos e afetuosa, que tinha um velho e amigável cão pastor cujo nome era Rover [Andarilho], e nos convidava depois das aulas para comer docinhos e quitutes em sua velha casa ligeiramente decrépita perto da ferrovia. Se Satã a escolheu para me tentar ao erro, foi muito mais inventivo que a sutil serpente no Jardim do Éden. Ela jamais erguia a voz ou empregava a violência — o que não se podia dizer de todos os meus professores —, e de forma geral era uma dessas pessoas, do tipo cuja crônica está em *Middlemarch*,^[1] de quem se pode dizer que se “as coisas não estão tão ruins com você e comigo como poderiam estar”, isso “deve-se em parte à quantidade que viveu com fidelidade uma vida oculta, que repousa em tumbas não visitadas”.

No entanto, fiquei francamente estarecido pelo que ela disse. Minhas pequenas sandálias com fecho nos tornozelos se enrolaram de vergonha por ela. Aos nove anos de idade, eu não tinha sequer uma concepção do argumento do desígnio nem do seu argumento rival, a evolução darwiniana, nem da relação entre fotossíntese e clorofila. Os segredos do genoma estavam tão escondidos de mim quanto, naquela época, de todo o resto do mundo. Não havia ainda visitado cenários de natureza onde quase tudo era terrivelmente indiferente ou hostil à vida humana, e não à vida em si. Eu simplesmente *sabia*, quase como se tivesse acesso privilegiado a uma autoridade superior, que minha professora tinha dado um jeito de deixar tudo errado em apenas duas sentenças. Os olhos é que se ajustavam à natureza, e não o contrário.

Não devo ter a pretensão de me lembrar de tudo de modo exato, ou na ordem, após essa epifania, mas num tempo relativamente curto também começara a notar outras esquisitices. Por que, se deus era o criador de todas as coisas, devíamos “louvá-lo” tão incessantemente por fazer o que lhe vinha com naturalidade? Além de tudo, parecia algo servil. Se Jesus podia curar uma pessoa cega que encontrasse por acaso, então por que não curar a cegueira? O que havia de tão extraordinário em expulsar demônios, para depois fazê-los entrar numa vara de porcos? Parecia sinistro: mais próximo da magia negra. E todas aquelas preces incessantes, por que não davam resultado? Por que eu deveria continuar dizendo, em público, que era um miserável pecador? Por que o tema do sexo era considerado tão tóxico? Essas objeções frágeis e infantis são, como descobri desde então, extremamente comuns, em parte porque nenhuma religião consegue enfrentá-las com alguma resposta satisfatória. Mas outra objeção, bem maior, também se apresentava. (Digo “se apresentava” em vez de “me ocorria” porque essas objeções são, além de insuperáveis, inescapáveis.) O diretor da escola, que conduzia os serviços e as orações diárias, e segurava o Livro, e era meio sádico e um homossexual no armário (e a quem há muito perdoei porque ele despertou meu interesse em história e me emprestou o primeiro exemplar de P. G. Wodehouse), uma noite deu a alguns de nós uma palestra pretensamente sensata: “Pode ser que agora vocês não vejam sentido em toda essa coisa de fé”, disse ele. “Mas algum dia passarão a ver,

quando começarem a perder seus entes queridos.”

Mais uma vez experimentei uma punhalada de pura indignação e de descrença. Ora, isso equivalia a dizer que a religião podia não ser verdade, mas não importa, já que sempre se pode recorrer a ela para conforto. Que desprezível! Estava então chegando aos treze anos e já me tornando aquele intelectualzinho insuportável. Nunca tinha ouvido falar em Sigmund Freud — embora ele pudesse ter sido muito útil a mim para entender o diretor —, mas tinha acabado de ter um vislumbre do seu ensaio *O futuro de uma ilusão*.

Estou infligindo a você tudo isso porque não sou um daqueles cuja chance de ter uma crença saudável foi destruída por abuso infantil ou doutrinação brutal. Sei que milhões de seres humanos tiveram de suportar essas coisas e não penso que a religião possa ou deva ser absolvida de importantes misérias. (Num passado bem recente, vimos a Igreja de Roma maculada por sua cumplicidade no imperdoável pecado de estupro infantil, ou, como poderia ser fraseado na forma latina, “nenhuma criança deixada para trás”.) Mas outras organizações não religiosas cometeram crimes similares, ou ainda piores.

Ainda persistem quatro objeções irreduzíveis à fé religiosa: que ela representa de forma totalmente errada as origens do homem e do cosmo e que, por causa desse erro original, ela consegue combinar o máximo de subserviência com o máximo de solipsismo, que é ao mesmo tempo resultado e causa de perigosa repressão sexual, e que é, em última instância, fundamentada num pensamento desejoso de se autorrealizar.

Não penso que seja arrogante da minha parte que eu já tivesse descoberto essas quatro objeções (bem como notado o fato mais vulgar e óbvio de que a religião é usada por aqueles empenhados temporalmente em se investirem de autoridade) muito antes de perder a minha voz de menino. Estou moralmente certo de que milhões de outras pessoas chegaram a conclusões muito semelhantes mais ou menos da mesma maneira e, desde então, já conheci muita gente assim em centenas de lugares, e em dúzias de diferentes países. Muitas dessas pessoas nunca chegaram a acreditar, e muitas delas abandonaram a fé após alguma difícil batalha. Algumas tiveram momentos cegos de falta de convicção que foram, em cada detalhe, tão instantâneos, embora talvez menos epiléticos e apocalípticos (e,

posteriormente, mais justificados racional e moralmente) que Saulo de Tarso no caminho de Damasco. E aqui está o ponto, acerca de mim mesmo e de meus copensadores. A nossa crença não é um credo. Nossos princípios não são uma fé. Não nos baseamos unicamente na ciência e na razão, porque estas são fatores necessários mas não suficientes, mas desconfiamos de qualquer coisa que contradiga a ciência ou afronte a razão. Podemos diferir em muita coisa, mas o que respeitamos é a livre inquirição, a mente aberta, e a busca das ideias por elas mesmas. Não sustentamos as nossas convicções de forma dogmática: a discordância entre o professor Stephen Jay Gould e o professor Richard Dawkins referente à “evolução pontuada” e as lacunas não preenchidas na teoria pós-darwiniana é tão larga quanto profunda, mas será resolvida por evidência e raciocínio e não por excomunhão mútua. (Minha própria irritação com o professor Dawkins e Daniel Dennett, pela sua proposta metida a onipotente de que os ateístas deveriam presunçosamente autodenominar-se “brilhantes”, é parte de uma contínua discussão.) Não somos imunes à sedução do prodígio, do mistério e da reverência: temos música, arte e literatura, e achamos que os dilemas éticos sérios são mais bem tratados por Shakespeare e Tolstói, Schiller e Dostoiévski e George Eliot do que nos contos de moralidade míticos dos livros sagrados. A literatura, e não a escritura, sustém a mente e — já que não há outra metáfora — também a alma. Não acreditamos em céu ou inferno, todavia nenhuma estatística jamais concluirá que sem essas lisonjas ou ameaças cometemos mais crimes de cobiça ou violência que os fiéis. (Na verdade, se fosse possível fazer algum dia uma pesquisa estatística apropriada, estou seguro de que a evidência indicaria exatamente o contrário.) Nós aceitamos o fato de viver apenas uma vez, a não ser por meio dos nossos filhos, para os quais ficamos felizes em observar que devemos abrir caminho e dar espaço. Nós especulamos que é no mínimo possível que, uma vez que as pessoas aceitem o fato de suas vidas breves e árduas, elas possam se comportar melhor umas em relação às outras, e não pior. Acreditamos com certeza que uma vida ética pode ser vivida sem religião. E sabemos como fato que o corolário também vale — a religião tem levado inúmeras pessoas não só a se conduzir pior que outras, mas a lhes conceder permissão para se comportar de maneiras capazes de franzir a

testa de uma dona de bordel ou de um responsável por limpeza étnica.

Mais importante de tudo, talvez, é que nós infiéis não precisamos de nenhum mecanismo de reforço. Somos aqueles que Blaise Pascal levou em conta quando escreveu àquele que diz: “Estou tão feito que não consigo acreditar”. No vilarejo de Montaignou, durante uma das grandes perseguições medievais, uma mulher foi solicitada pelos inquisidores a lhes contar de quem tinha adquirido suas dúvidas heréticas sobre inferno e ressurreição. Ela devia saber que estava em terrível perigo de morte lenta administrada pelos devotos, mas respondeu que não as tinha adquirido de ninguém e desenvolvera todas elas sozinha. (Com frequência, ouvem-se os crentes louvando a simplicidade de seu rebanho, mas não no caso dessa sanidade e lucidez conscienciosas e não forçadas, que têm sido esmagadas e queimadas nos casos de mais seres humanos que nunca seremos capazes de nomear.)

Não temos necessidade de nos reunir todo dia, ou a cada sete dias, ou em qualquer dia elevado e auspicioso, para proclamar nossa retidão ou chafurdar e nos refestelar na nossa indignidade. Nós ateístas não requeremos sacerdotes, nem qualquer hierarquia acima deles, para policiar a nossa doutrina. Sacrifícios e cerimônias nos são aversivos, bem como relíquias e o culto de quaisquer imagens ou objetos (incluindo-se aí objetos na forma de uma das mais úteis inovações do homem: o livro encadernado). Para nós, nenhum lugar na Terra é ou poderia ser “mais santo” que outros: ao ostentoso absurdo da peregrinação, ou ao puro horror de matar civis em nome de algum muro ou gruta ou rocha ou santuário sagrado, podemos contrapor uma relaxada ou urgente caminhada de um canto a outro da biblioteca ou da galeria, ou um almoço com um amigo agradável, em busca da verdade e da beleza. Algumas dessas excursões às estantes de livros ou ao almoço ou à galeria nos colocarão, se forem sérias, em contato com crenças e crentes, desde os grandes pintores e compositores devocionais até as obras de Agostinho, Tomás de Aquino, Maimônides e Newman. Esses poderosos eruditos podem ter escrito muita coisa má e muita coisa tola, e terem sido ignorantes da teoria dos germes causando doenças ou do lugar do globo terrestre no sistema solar, muito menos no universo, e é por essa simples razão que não há outros mais como eles nos dias de hoje, e que não haverá outros como eles amanhã. A religião falou suas últimas palavras inteligíveis

ou nobres ou inspiradoras há muito tempo: ou foi isso, ou então se transmutou num admirável mas nebuloso humanismo, como, digamos, sucedeu com Dietrich Bonhoeffer, um bravo pastor luterano enforcado pelos nazistas por sua recusa em conspirar com eles. Não haveremos mais de ter profetas ou sábios dos quadros antigos, e é por isso que as devoções de hoje são apenas as repetições de ontem, às vezes distendidas até o ponto de uivar para afugentar o terrível vazio.

Enquanto alguma apologia religiosa é magnífica em seus modos limitados — poderíamos citar Pascal — e parte dela é melancólica e absurda — aqui não podemos evitar citar C. S. Lewis —, ambos os estilos têm algo em comum, ou seja, a espantosa carga de tensão que precisam suportar. Quanto esforço é necessário para afirmar o inacreditável! Os astecas precisavam rasgar uma cavidade torácica humana *todo dia* simplesmente para assegurar que o sol nasceria. Monoteístas teoricamente devem importunar sua divindade mais vezes, talvez, para que não seja surda. Quanta vaidade deve estar oculta — sem muita efetividade, é óbvio — para fingir que se é pessoalmente objeto de um plano divino? Quanto respeito próprio precisa ser sacrificado para que seja possível sofrer continuamente na consciência do próprio pecado? Quantas premissas desnecessárias precisam ser feitas, e quanta contorção é exigida, para receber cada nova descoberta da ciência e manipulá-la de modo a se “encaixar” nas palavras reveladas de antigas divindades criadas pelo homem? Quantos santos e milagres e concílios e conclaves são requeridos para estabelecer primeiramente um dogma e então — após infinita dor e perda e absurdo e crueldade — ser forçado a rescindir um desses dogmas? Deus não criou o homem à sua própria imagem. Evidentemente, foi o contrário, o que constitui a indolor explicação para a profusão de deuses e religiões, e o fratricídio, entre e em meio aos credos, que vemos ao nosso redor e que tanto retardou o desenvolvimento da civilização.

Atrocidades religiosas passadas e presentes ocorreram não porque somos maus, mas porque é um fato da natureza que a espécie humana seja, biologicamente, apenas em parte racional. A evolução cuidou para que os nossos lobos pré-frontais fossem pequenos demais, nossas glândulas adrenais muito grandes, e os nossos órgãos reprodutores aparentemente

projetados por uma comissão sem visão unificadora; uma receita que, sozinha ou combinada, com toda certeza conduz a distúrbio e infelicidade. Mas ainda assim, que diferença quando se deixam de lado os esforçados crentes e se assume o não menos árduo trabalho de um Darwin, ou um Hawking, ou um Crick. Esses homens são mais esclarecedores quando estão errados, ou quando exibem seus inevitáveis vieses, do que qualquer pessoa de fé falsamente modesta que tenta em vão a quadratura do círculo e explicar como ele, uma mera criatura do Criador, tem a possibilidade de saber o que o Criador pretende. Não se pode concordar em tudo em questões de estética, mas nós, humanistas, ateístas e agnósticos seculares não desejamos privar a humanidade de suas maravilhas ou consolações. De maneira nenhuma. Se você dedicar um pouco de tempo a estudar as impressionantes fotografias tiradas pelo telescópio Hubble, estará examinando coisas que são muito mais assombrosas e belas — e mais caóticas e atordoantes e ameaçadoras — que qualquer história da criação ou do “fim dos dias”. Se você ler Hawking falando do “horizonte de eventos”, aquela borda teórica do “buraco negro” sobre a qual alguém poderia teoricamente mergulhar e ver o passado e o futuro (exceto que, infelizmente e por definição, não teria “tempo” suficiente), eu ficaria surpreso se você ainda continuasse ligado a Moisés e a sua pouco impressionante “sarça ardente”. Se você examinar a beleza e a simetria da dupla hélice, e seguir adiante para ter a sequência do seu genoma totalmente analisado, ficará imediatamente impressionado por esse fenômeno quase perfeito estar no núcleo do nosso ser, e reassegurado (espero eu) de ter tanta coisa em comum com outras tribos da espécie humana — e “raça”, junto com “criação”, tendo sido jogadas no incinerador — e ainda mais fascinado por saber o quanto você igualmente faz parte do reino animal. Agora finalmente você pode ser apropriadamente humilde diante daquilo que fez você, que acontece não ser um “quem”, mas um processo de mutação com mais elementos aleatórios do que nossa vaidade gostaria. Isso é mistério e prodígio mais que suficiente para qualquer mamífero conviver: a pessoa mais culta do mundo agora tem que admitir — *não* direi confessar — que sabe cada vez menos, mas pelo menos sabe cada vez menos sobre cada vez mais.

Quanto à consolação, já que pessoas religiosas tão amiúde insistem que a fé responde a essa suposta necessidade, simplesmente direi que aqueles que oferecem falso consolo são falsos amigos. Em todo caso, os críticos da religião não se limitam apenas a negar que ela tem um efeito analgésico. Ao contrário, advertem contra o placebo e o frasco de água colorida. Provavelmente, a citação errada mais popular dos tempos modernos — decerto a mais popular nesta discussão — é a afirmação de que Marx desprezou a religião como “o ópio do povo”. Ao contrário, esse filho de uma linhagem rabínica levava a fé muito a sério e escreveu em sua *Introdução à crítica da filosofia do direito* de Hegel:

A angústia religiosa é, ao mesmo tempo, a expressão da angústia real e o *protesto* contra a angústia real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o coração de um mundo sem coração, da mesma maneira que é a alma de uma situação sem alma. É o ópio do povo.

A abolição da religião como felicidade ilusória do povo é exigida para sua felicidade real. A exigência de abandonar as ilusões acerca de sua condição é a exigência de abandonar uma condição que necessita de ilusões. A crítica à religião é, portanto, embrionariamente, a crítica àquele vale de lágrimas cujo halo é a religião. A crítica arrancou as flores imaginárias da corrente, não de forma que o homem use a corrente sem qualquer fantasia ou consolo, mas de forma que ele se livre da corrente e colha a flor viva.

Assim, a famosa citação errada não é tanto uma “citação errada” e sim uma tentativa bastante crua de representar erradamente o argumento filosófico contra a religião. Aqueles que têm acreditado no que padres e rabinos e imãs lhe dizem sobre o que os descrentes pensam e o que eles pensam, encontrarão surpresas adicionais desse tipo à medida que formos adiante. Talvez venham a desconfiar do que lhes é dito — ou não aceitar de “boa-fé”, que é o problema inicial.

Marx e Freud, há de se reconhecer, não foram doutores nem cientistas exatos. Melhor é pensar neles como grandes e falíveis ensaístas imaginativos. Em outras palavras, quando o universo intelectual se altera, não me sinto arrogante o suficiente para me eximir de autocrítica. E fico contente em pensar que algumas contradições permanecerão contraditórias, alguns problemas jamais serão resolvidos pelo equipamento mamífero do córtex cerebral humano e algumas coisas são indefinidamente impossíveis de serem conhecidas. Se se descobrisse que o universo é finito ou infinito, qualquer

uma das descobertas seria igualmente estupidificante e impenetrável para mim. E embora eu tenha conhecido muita gente mais sábia e mais inteligente que eu, não sei de ninguém que possa ser sábio ou inteligente o bastante para dizer algo diferente.

Logo, a crítica mais delicada à religião é também a mais radical e a mais devastadora. A religião é feita pelo homem. Mesmo os homens que a fizeram não conseguem estar de acordo quanto ao que seus profetas ou redentores ou gurus realmente disseram ou fizeram. Menos ainda podem ter esperança de nos dizer o “significado” de descobertas e evoluções posteriores que foram, no seu início, obstruídas pelas suas religiões ou denunciadas por elas. E ainda assim... os crentes ainda alegam saber! Não só saber, mas saber *tudo*. Não só saber que deus existe, e que criou e supervisionou todo o empreendimento, mas também saber o que “ele exige de nós” — desde a nossa dieta, passando pela nossa observância até a moralidade sexual. Em outras palavras, numa vasta e complicada discussão onde sabemos cada vez mais sobre cada vez menos e, todavia, ainda podemos ter esperança de algum esclarecimento à medida que seguimos em frente, uma facção — composta ela mesma de facções que se guerreiam mutuamente — tem a pura arrogância de nos dizer que já possuímos toda a informação essencial de que necessitamos. Tamanha estupidez, combinada com tamanho orgulho, deveria bastar por si só para excluir a “crença” do debate. A pessoa que tem certeza, e que alega procuração divina para essa sua certeza, pertence agora à primeira infância da nossa espécie. A despedida pode ser longa, mas já começou e, como todas as despedidas, não deve ser protelada.

Estou seguro de que, se você me conhecesse, não saberia necessariamente que essa é a minha opinião. Provavelmente já me sentei por mais tempo com amigos religiosos do que qualquer outro tipo. Esses amigos muitas vezes me irritam dizendo que eu sou um “buscador”, o que não sou, não na maneira que eles acham. Se eu voltasse a Devon, onde a sra. Watts tem seu não visitado túmulo, seguramente me veria sentado quieto no fundo de alguma velha igreja celta ou saxônica. (O lindo poema de Philip Larkin, “Church Going” [Ir à igreja] capta perfeitamente a minha própria atitude.) Certa vez escrevi um livro sobre George Orwell, que poderia ter sido meu

herói se eu tivesse heróis, e fiquei consternado com sua insensibilidade com a queima de igrejas na Catalunha em 1936. Sófocles mostrou, bem antes da ascensão do monoteísmo, que Antígona falava pela humanidade em sua repulsa contra a profanação. Deixo aos fiéis incendiarem mutuamente suas igrejas, mesquitas e sinagogas, e podemos ter certeza de que sempre o farão. Quando vou à mesquita, tiro os sapatos. Quando vou à sinagoga, cubro a cabeça. Certa vez cheguei a observar a etiqueta de um ashram na Índia, embora para mim tenha sido um verdadeiro teste. Meus pais não tentaram me impor nenhuma religião: provavelmente fui afortunado em ter um pai que não tivesse adorado em especial sua estrita criação batista/calvinista, e uma mãe que preferiu a assimilação — em parte pensando em mim — em lugar do judaísmo de seus antepassados. Sei agora o bastante sobre todas as religiões para saber que sempre teria sido um infiel em todas as épocas e em todos os lugares, mas o meu ateísmo particular é um ateísmo protestante. Foi da esplêndida liturgia da Bíblia do rei Jaime e do livro de orações de Cranmer — uma liturgia que a fátua Igreja da Inglaterra descartou de forma barata — que discordei pela primeira vez. Quando meu pai morreu e foi enterrado numa capela com vista para Portsmouth — a mesma capela na qual o general Eisenhower rezara pelo sucesso na noite anterior ao Dia D em 1944 —, fiz a prédica do púlpito e escolhi como texto um versículo da epístola de Saulo de Tarso, posteriormente aclamado como “São Paulo”, aos Filipenses (capítulo 4, versículo 8):

Concluindo, caros irmãos, absolutamente tudo o que for verdadeiro, tudo o que for honesto, tudo o que for justo, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, nisso pensai.

Escolhi esse trecho por causa do seu caráter assombroso e fugidio, que estará junto comigo na hora final, e por sua injunção essencialmente secular, e porque se destacava em meio à esterilidade de retórica, queixumes, absurdos e ameaças que o cercam.

A discussão com a fé é a fundação e a origem de todas as discussões, porque é o início — mas não o fim — de todas as discussões sobre filosofia, ciência, história e natureza humana. É também o início — mas de forma nenhuma o fim — de todas as disputas sobre a vida boa e a cidade justa. A

fé religiosa é, precisamente *porque* ainda somos criaturas em evolução, inextirpável. Ela jamais morrerá, ou pelo menos não até superarmos o nosso medo da morte, e do escuro, e do desconhecido, e um do outro. Por essa razão, eu não a proibiria nem que pensasse poder fazê-lo. Muito generoso da minha parte, você pode dizer. Mas será que os religiosos me concederiam a mesma indulgência? Pergunto porque existe uma diferença real e séria entre mim e meus amigos religiosos, e os amigos reais e sérios são suficientemente honestos para admiti-la. Eu me contentaria em ir aos b'nai mitzvah dos seus filhos, maravilhar-me com suas catedrais góticas, “respeitar” sua crença de que o Corão foi ditado, embora exclusivamente em árabe, a um mercador iletrado, ou interessar-me por consolações wicca, hindus e jainistas. E acontece que eu continuarei a fazê-lo sem insistir na polida condição recíproca — que é *que eles por sua vez me deixem em paz*. Mas isso, a religião é, em última análise, incapaz de fazer. Enquanto escrevo estas palavras, e enquanto você as lê, pessoas de fé estão, dos seus modos diferentes, planejando a sua e a minha destruição, e a destruição de todas as realizações humanas, com tanta dificuldade conquistadas, com as quais entrei em contato. *A religião envenena tudo.*

A RELIGIÃO MATA

A aversão dele à religião, no sentido geralmente ligado ao termo, era do mesmo tipo que a de Lucrécio: ele a encarava com os sentimentos devidos não a um mero delírio mental, mas a um grande mal moral. Olhava para ela como a maior inimiga da moralidade: primeiro, por estabelecer excelências fictícias — crença em credos, sentimentos devocionais e cerimônias, não relacionados com o bem da espécie humana —, e fazendo com que estas fossem aceitas como substitutas da virtude genuína: mas, acima de tudo, viciando o padrão da moral; fazendo com que esta consista em realizar a vontade de um ser, no qual ela esbanja prodigamente todas as frases de adulação, mas a quem ela descreve, em sóbria verdade, como eminentemente odioso.

JOHN STUART MILL SOBRE SEU PAI, EM SUA *Autobiografia*

Tantum religio potuit suadere malorum.

(A tais píncaros de maldade são os homens levados pela religião.)

LUCRÉCIO, *De Rerum Natura*

IMAGINE QUE VOCÊ SEJA CAPAZ DE REALIZAR UM FEITO DO QUAL eu sou incapaz. Imagine, em outras palavras, que você possa visualizar um criador infinitamente benigno e todo-poderoso, que concebeu você, depois o fez e o moldou, trouxe-o ao mundo que ele criou para você, e agora supervisiona e cuida de você mesmo enquanto você dorme. Imagine mais, que se obedecer às regras e aos mandamentos que ele amorosamente prescreveu, você se qualificará para uma eternidade de bem-aventurança e tranquilidade. Não digo que o invejo nessa crença (porque para mim ela parece o desejo de uma forma horrível de ditadura benevolente e inalterável), mas tenho sim uma pergunta sincera. Por que essa crença não torna os seus adeptos felizes?

Deveria parecer-lhes que entraram em posse de um segredo maravilhoso, do tipo que poderiam recorrer em momentos até mesmo da mais extrema adversidade.

Superficialmente, às vezes parece como se isso de fato ocorresse. Já estive em cultos evangélicos, em comunidades negras e brancas, onde todo o evento foi um longo brado de exaltação por ser salvo, amado e assim por diante. Muitos cultos, em todas as religiões e entre quase todos os pagãos, são planejados exatamente para evocar celebração e festejo comunal, e é precisamente por isso que desconfio deles. Há também momentos mais contidos, sóbrios e elegantes. Quando eu era membro da Igreja Ortodoxa Grega, podia sentir, mesmo que não conseguisse acreditar, as palavras jubilosas trocadas entre os crentes na manhã de Páscoa: “Christos anesti!” (Cristo ascendeu!) “Alethos anesti!” (Ele realmente ascendeu!). Fui membro da Igreja Ortodoxa Grega, devo acrescentar, por um motivo que explica por que muita, muita gente professa uma fidelidade exterior. Entrei para a Igreja para agradar aos meus sogros. O arcebispo que me recebeu em sua comunhão no mesmo dia em que celebrou meu casamento, dessa maneira embolsando duas tarifas em vez da única habitual, mais tarde tornou-se um entusiástico chefe de torcida e levantador de fundos para seus colegas ortodoxos sérvios, os autores de assassinatos em massa Radovan Karadžić e Ratko Mladić, que lotaram incontáveis covas coletivas por toda a Bósnia. No meu casamento seguinte, oficiado por um rabino judeu reformista com inclinação einsteiniana e shakespeariana, eu tinha um pouco mais em comum com o oficiador. Mas mesmo ele estava cômico de que sua perene homossexualidade era, em princípio, condenada como pecado capital, passível da punição de apedrejamento pelos fundadores de sua religião. Quanto à Igreja Anglicana, na qual fui originalmente batizado, hoje ela pode parecer um rebanho balindo pateticamente, mas como descendente de uma igreja que sempre desfrutou de subsídios estatais e de uma íntima relação com a monarquia hereditária, ela tem uma responsabilidade histórica pelas Cruzadas, pela perseguição aos católicos, judeus e dissidentes, e pelo combate contra a ciência e a razão.

O nível de intensidade flutua de acordo com o momento e o lugar, mas pode-se afirmar como verdade que a religião não se contenta, e no longo

prazo não pode se contentar, com suas próprias alegações maravilhosas e sublimes garantias. Ela *precisa* tentar interferir na vida dos descrentes, ou hereges, ou adeptos de outros credos. Ela pode falar sobre a bem-aventurança do mundo vindouro, mas quer poder neste mundo aqui. E é de esperar que seja assim. Afinal, ela é totalmente criada pelo homem. E não tem a confiança nas suas diversas pregações sequer para permitir a coexistência entre diferentes credos.

Tomemos um único exemplo, de uma das mais veneradas figuras que a religião moderna produziu. Em 1996, a República da Irlanda organizou um referendo sobre uma pergunta: se a Constituição do Estado ainda deveria proibir o divórcio. A maioria dos partidos políticos, num país cada vez mais secular, instou os votantes a aprovar uma mudança na lei. Eles o fizeram por duas excelentes razões. Não se julgava mais correto que a Igreja Católica Romana legislasse sua moralidade para todos os cidadãos, e era obviamente impossível sequer imaginar uma eventual reunificação irlandesa se a grande minoria protestante no Norte fosse continuamente repelida pela possibilidade de uma lei clerical. Madre Teresa pegou um voo direto de Calcutá para ajudar na campanha, junto com a igreja e os defensores da linha dura, para o voto no “não”. Em outras palavras, uma mulher irlandesa casada com um bêbado incestuoso habituado a surrar a esposa nunca deveria esperar algo melhor, e poderia colocar sua alma em risco se rogasse por um recomeço, enquanto os protestantes podiam ou escolher as bênçãos de Roma ou ficar totalmente de fora. Não houve a mínima sugestão de que os católicos pudessem seguir os mandamentos de sua própria igreja sem impô-los a todos os outros cidadãos. E isso nas ilhas britânicas, na última década do século xx. O referendo acabou por emendar a Constituição, mas por uma ínfima minoria. (Madre Teresa naquele mesmo ano deu uma entrevista dizendo que esperava que sua amiga princesa Diana estivesse mais feliz depois de ter escapado de um casamento obviamente desgraçado, mas é uma surpresa menor descobrir que a igreja aplica leis mais severas aos pobres ou que oferece indulgências aos ricos.)^[2]

Uma semana antes dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, participei de um painel de discussão com Dennis Prager, um dos mais conhecidos apresentadores religiosos dos Estados Unidos. Ele me desafiou

em público a responder ao que chamou de “pergunta direta sim/não” e eu concordei alegremente. Muito bem, disse ele. Eu devia imaginar-me numa cidade estranha ao anoitecer. Devia imaginar que havia um grande grupo de homens vindo na minha direção. Agora — eu me sentiria mais seguro, ou menos seguro, se soubesse que estavam chegando de um culto religioso? Como o leitor bem pode ver, não é uma pergunta que aceita sim/não como resposta. Mas fui capaz de respondê-la como se não fosse hipotética: “Só para ficar na letra ‘B’, na realidade tive essa experiência em Belfast, Beirute, Bombaim, Belgrado, Belém e Bagdá. Em cada caso posso dizer com absoluta certeza, e posso dar os meus motivos, por que me sentiria imediatamente ameaçado se pensasse que o grupo de homens se aproximando de mim ao entardecer vinha de um serviço religioso”.

Aqui, então, está um breve resumo da crueldade inspirada pela religião que presenciei nesses seis lugares: Em Belfast, vi ruas inteiras incendiadas por ações de guerra entre diferentes seitas da cristandade, e entrevistei pessoas cujos parentes e amigos haviam sido sequestrados e mortos ou torturados por esquadrões da morte religiosos rivais, frequentemente sem nenhuma outra razão que não pertencer a outra denominação religiosa. Há uma velha piada em Belfast sobre um homem que é parado num bloqueio de rua e indagado sobre sua religião. Quando ele responde que é ateu, perguntam-lhe: “Ateu católico ou protestante?”. Penso que isso mostra como a obsessão está enraizada até mesmo no lendário senso de humor local. Em todo caso, isso ocorreu, com efeito, com um amigo meu e a experiência decididamente não foi nada agradável. O pretexto ostensivo para essa mutilação são nacionalismos rivais, mas a linguagem de rua usada por tribos rivais consiste em termos insultuosos aos outros credos (“Prods” e “Teagues”). Por muitos anos, o *establishment* protestante queria que os católicos fossem tanto segregados quanto suprimidos. De fato, nos tempos em que foi fundado o Estado do Ulster, o lema era: “Um parlamento protestante para um povo protestante”. O sectarismo é convenientemente autogerador e sempre se pode contar com ele para evocar um sectarismo recíproco. No ponto principal, a liderança católica estava de acordo: desejava escolas dominadas pelo clero e bairros segregados, para melhor exercer seu controle. Assim, em nome de deus, os velhos ódios eram

martelados em novas gerações de crianças em idade escolar, e ainda são. (Mesmo a palavra “martelar” me provoca mal-estar: um ferramenta semelhante a essa era muitas vezes usada para destruir as rótulas daqueles que caíam vítimas de gangues religiosas.)

Quando vi Beirute pela primeira vez, no verão de 1975, a cidade ainda era reconhecível como “a Paris do Oriente”. Todavia, esse aparente Éden estava infestado de um amplo sortimento de serpentes. Sofria de um superávit positivo de religiões, todas elas “acomodadas” por uma Constituição estatal sectária. Por lei, o presidente tinha de ser um cristão, geralmente um católico maronita, o líder do parlamento, um muçulmano, e assim por diante. Isso nunca funcionou bem, porque institucionalizava as diferenças de credos bem como de castas e etnia (os muçulmanos xiitas eram a parte mais baixa da escala social, e os curdos eram totalmente destituídos de privilégios).

O principal partido cristão era na verdade uma milícia católica chamada “Falange”, e havia sido fundado por um libanês maronita chamado Pierre Gemayel, que ficara muito impressionado com a sua visita às Olimpíadas nazistas em Berlim, em 1936. Mais tarde viria a adquirir notoriedade internacional por conduzir o massacre de palestinos nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, em 1982, agindo sob as ordens do general Sharon. Que um general judeu pudesse colaborar com um partido fascista já pode parecer suficientemente grotesco, mas eles tinham um inimigo muçulmano comum, e isso bastava. A invasão do Líbano por Israel naquele ano também deu ímpeto ao nascimento do Hezbollah, o modestamente denominado “Partido de Deus”, que mobilizou a classe baixa xiita e de forma gradual a pôs sob a liderança da ditadura teocrática do Irã que chegara ao poder três anos antes. Foi no adorável Líbano, também, que os fiéis, tendo aprendido o ofício do sequestro com as fileiras do crime organizado, passaram a nos apresentar as belezas dos atentados suicidas. Ainda posso ver aquela cabeça decepada na rua diante da arrasada embaixada francesa. De forma geral, eu tinha a tendência de atravessar a rua quando se encerravam os serviços religiosos.

Bombaim também costumava ser considerada uma pérola do Oriente, com seu colar de luzes ao longo da costa e sua magnífica arquitetura raj

britânica. Era uma das cidades indianas mais diversificadas e plurais, e suas muitas camadas de textura foram sagazmente exploradas por Salman Rushdie — sobretudo em *O último suspiro do mouro* — e nos filmes de Mira Nair. É verdade que houve ali embates intercomunitários, durante a época de 1947-8, quando o grande movimento histórico pela autonomia do governo indiano estava sendo arruinado pelas exigências muçulmanas de um Estado separado e pelo fato de o Partido do Congresso ser liderado por um hindu devoto. Mas, provavelmente, tanta gente buscou refúgio em Bombaim durante aquele momento de sede de sangue religiosa quanto aqueles que fugiram ou foram expulsos de lá. Uma forma de coexistência cultural foi retomada, como muitas vezes acontece quando cidades são expostas ao mar e às influências externas. Os parses — antigos adeptos de Zoroastro que foram perseguidos na Pérsia — eram uma minoria proeminente, e a cidade também abrigava uma comunidade historicamente significativa de judeus. Mas isso não bastou para satisfazer o sr. Bal Thackeray e seu movimento nacionalista hindu Shiv Sena, que, nos anos 1990, decidiu que Bombaim deveria ser dirigida por e para seus correligionários, e despejou uma maré de brutamontes e assassinos nas ruas. Só para mostrar que podia fazê-lo, ordenou a troca de nome da cidade para “Mumbai”, o que é em parte o motivo de eu incluí-la nesta lista com seu nome tradicional.

Belgrado foi a capital da Iugoslávia até a década de 1980, ou terra dos eslavos do sul, o que, por definição, significava que era capital de um Estado multiétnico e multiconfessional. Mas um intelectual croata secular uma vez me deu um aviso que, como em Belfast, acabou assumindo forma de piada: “Se eu digo às pessoas que sou ateu e croata”, disse ele, “elas me perguntam como posso provar que não sou sérvio”. Ser croata, em outras palavras, é ser católico romano. Ser sérvio é ser cristão ortodoxo. Nos anos 1940, isso significou um estado títere nazista, estabelecido na Croácia com o patrocínio do Vaticano, que naturalmente buscou eliminar todos os judeus da região mas também empreendeu uma campanha de conversão forçada dirigida a outra comunidade cristã. Como consequência, dezenas de milhares de cristãos ortodoxos foram ou massacrados ou deportados, e um vasto campo de concentração foi montado perto da cidade de Jasenovac. O regime do

general Ante Paveli´c e seu partido Ustasha era tão repugnante que até mesmo oficiais alemães protestaram por serem forçados a se associar com ele.

Na época em que visitei o sítio do campo de Jasenovac, em 1992, a bota militar estava sendo calçada por outro pé. As cidades croatas de Vukovar e Dubrovnik tinham sido brutalmente bombardeadas pelas forças armadas da Sérvia, agora sob controle de Slobodan Miloševi´c . A cidade de Sarajevo, basicamente muçulmana, fora cercada e estava sendo bombardeada 24 horas por dia. Em outra parte da Bósnia e Herzegovina, especialmente ao longo do rio Drina, cidades inteiras foram saqueadas e massacradas naquilo que os próprios sérvios denominaram “limpeza étnica”. Na verdade, “limpeza religiosa” teria sido um termo mais exato. Miloševi´c era um ex-burocrata comunista que sofrera mutação para se tornar um nacionalista xenófobo, e sua cruzada antimuçulmana, que servia de cobertura para a anexação da Bósnia a uma “Grande Sérvia”, foi em grande parte empreendida por milícias extraoficiais operando sob seu controle “negável”. Essas gangues eram compostas de fanáticos religiosos, muitas vezes abençoadas por padres e bispos ortodoxos e, às vezes, reforçadas por colegas “voluntários” ortodoxos da Grécia e da Rússia. Foi feita uma tentativa especial de destruir toda evidência de civilização otomana, como no caso especialmente atroz de dinamitar vários minaretes históricos em Banja Luka, o que foi feito durante um cessar-fogo e não como resultado de alguma batalha.

O mesmo valia, como muitas vezes se esquece, para suas contrapartes católicas. As formações ustashas foram revividas na Croácia e fizeram uma perversa tentativa de conquistar a Herzegovina, como tinham feito na Segunda Guerra Mundial. A bela cidade de Mostar também foi bombardeada e sitiada, e a famosa Stari Most, ou “Ponte Velha”, que datava da época turca e era listada pela Unesco como sítio cultural de importância mundial, foi bombardeada até desabar rio abaixo. Com efeito, as forças extremistas católicas e ortodoxas conspiraram para uma sangrenta partilha e limpeza étnica da Bósnia e Herzegovina. Essas forças foram poupadas, e ainda são, dessa vergonha pública porque a mídia mundial preferiu a simplificação de “croatas” e “sérvios”, e só mencionava religião quando

discutia “os muçulmanos”. Mas a tríade de termos “croata”, “sérvio” e “muçulmano” é desigual e enganosa, no sentido de que equipara duas nacionalidades e uma religião. (O mesmo erro é feito de maneira diferente na cobertura do Iraque, com a tríade “sunita-xiita-curdo”.) Havia pelo menos 10 mil sérvios em Sarajevo durante o sítio, e um dos principais comandantes de sua defesa, um oficial e cavalheiro chamado general Jovan Divjak, cuja mão tive o orgulho de apertar sob o fogo, também era sérvio. A população judaica da cidade, que data de 1492, também se identificava em sua maior parte com o governo e com a causa da Bósnia. Teria sido muito mais acurado se a imprensa e a televisão tivessem reportado que “hoje as forças cristãs ortodoxas retomaram seus bombardeios de Sarajevo” ou “ontem as milícias católicas conseguiram derrubar a Stari Most”. Mas a terminologia confessional era reservada apenas aos “muçulmanos”, mesmo que seus assassinos fizessem questão de se distinguir usando grandes cruces ortodoxas sobre as cartucheiras, ou colando retratos da Virgem Maria nas coronhas de seus rifles. Assim, mais uma vez, *a religião envenena tudo*, inclusive as nossas próprias faculdades de discernimento.

Quanto a Belém, suponho que eu estaria disposto a conceder ao sr. Prager que num dia bom me sentiria suficientemente seguro parado nos arredores da Igreja da Natividade ao anoitecer. É em Belém, não longe de Jerusalém, que muitos acreditam que, com a cooperação de uma virgem imaculadamente concebida, Deus deu à luz um filho.

“O nascimento de Jesus Cristo ocorreu da seguinte maneira: Estando Maria, sua mãe, prometida em casamento a José, antes que coabitassem, achou-se grávida pelo Espírito Santo.” Sim, e o semideus grego Perseu nasceu quando Júpiter visitou a virgem Dânae como uma chuva de ouro e a deixou grávida. O deus Buda nasceu através de uma abertura no flanco de sua mãe. Coatlicue, com sua saia de serpentes, pegou uma pequena bola de penas do céu e a escondeu no colo, e assim foi concebido o deus asteca Huitzilopochtli. A virgem Nana colheu uma romã da árvore regada pelo sangue do assassinado Agdistis, a colocou em seu colo e deu à luz o deus Átis. A filha virgem de um rei mongol acordou certa noite e viu-se banhada numa grande luz, que fez com que ela desse à luz Gengis Khan. Krishna nasceu da virgem Devaka. Horus nasceu da virgem Ísis. Mercúrio nasceu da

virgem Maia. Rômulo nasceu da virgem Reia Sílvia. Por alguma razão, muitas religiões se forçam a pensar no canal de nascimento como uma via de mão única, e até mesmo o corão trata a Virgem Maria com reverência. No entanto, isso não fez diferença durante as Cruzadas, quando um exército papal se lançou a recapturar Belém e Jerusalém dos muçulmanos, destruindo incidentalmente no caminho muitas comunidades judaicas e saqueando a herética Bizâncio cristã, e infligindo massacres nas estreitas ruas de Jerusalém, onde, segundo os históricos e entusiasmados cronistas, o sangue derramado chegou à altura das rédeas dos cavalos.

Algumas dessas explosões de ódio, fanatismo e sanguinolência já se foram, embora sempre haja novas iminentes nessa área, mas nesse meio-tempo uma pessoa pode sentir-se relativamente segura dentro e em torno da “Praça da Manjedoura”, que é o centro, como o nome sugere, de uma armadilha turística tão indisfarçavelmente rudimentar a ponto de envergonhar a própria Lourdes. Quando visitei pela primeira vez a deplorável cidade, ela estava sob o controle nominal de uma municipalidade em grande parte palestina cristã, ligada a uma particular dinastia política identificada com a família Freij. Quando voltei a vê-la, estava sob um brutal toque de recolher imposto pelas autoridades militares israelenses — cuja presença na Margem Ocidental não deixa de estar conectada com a crença em antigas profecias das escrituras, embora dessa vez com uma promessa diferente feita por um deus diferente a um povo diferente. Agora chega a vez de outra religião. As forças do Hamas, que reivindicam a totalidade da Palestina como um *waaf* islâmico, ou uma dádiva sagrada ao islã, começaram a empurrar para os lados os cristãos de Belém. Seu líder, Mahmoud al-Zahar, já anunciou que todos os habitantes do estado islâmico da Palestina deverão se conformar com a lei muçulmana. Em Belém, atualmente propõe-se que os não muçulmanos sejam sujeitos ao imposto *al-Jeziya*, a histórica cobrança imposta a *dhimmis* sob o antigo Império Otomano. Funcionárias da municipalidade estão proibidas de cumprimentar visitantes masculinos com aperto de mão. Em Gaza, uma jovem chamada Yusra al-Azami foi baleada e morta em abril de 2005 pelo crime de estar sentada sozinha, sem outra acompanhante, num carro com o seu noivo. O rapaz escapou com apenas uma surra cruel. O esquadrão “vício e virtude” dos líderes do Hamas

justificou esse assassinato e a tortura casual dizendo que houve “suspeitas de comportamento imoral”. Na Palestina, que um dia já foi secular, turmas de rapazes sexualmente reprimidos são recrutados para bisbilhotar em volta de carros estacionados, com permissão de fazer o que lhes aprouver.^[3]

Certa vez ouvi o falecido Abba Eban, um dos mais sérios e refinados diplomatas e estadistas de Israel, dar uma palestra em Nova York. A primeira coisa a chamar a atenção na disputa israelense-palestina, disse ele, era a facilidade com que podia ser resolvida. Partindo desse ponto de suspense, ele foi adiante dizendo, com a autoridade de um ex-ministro do Exterior e representante na ONU, que o ponto essencial era simples. Dois povos de tamanho aproximadamente equivalente reivindicavam a mesma terra. A solução era, obviamente, criar dois Estados lado a lado. Seguramente, algo tão autoevidente estava ao alcance da inteligência humana, não? E assim teria sido, décadas atrás, se os rabis messiânicos e os mulás e padres tivessem se mantido fora disso. Mas as reivindicações de exclusividade da autoridade concedida por deus, feitas por clérigos históricos de ambos os lados, e alimentadas por cristãos com a mentalidade do Armagedom que esperam trazer o Apocalipse (precedido pela morte ou conversão de todos os judeus), tornaram a situação insustentável, colocando a humanidade inteira na posição de refém de uma briga que agora representa ameaça de uma guerra nuclear. *A religião envenena tudo*. Além de uma ameaça à civilização, ela tornou-se uma ameaça à sobrevivência da humanidade.

Chegamos por último a Bagdá. Esse é um dos maiores centros de aprendizagem e cultura da história. Foi aqui que algumas das obras perdidas de Aristóteles e outros gregos (“perdidas” porque as autoridades cristãs haviam queimado algumas, suprimido outras e fechado as escolas de filosofia, sob o fundamento de que não podia haver reflexões úteis sobre moralidade perante a pregação de Jesus) foram preservadas, retraduzidas e transmitidas via Andaluzia de volta para o ignorante Ocidente “cristão”. Bibliotecas, poetas e arquitetos de Bagdá eram renomados. Muitas das realizações tiveram lugar sob califas muçulmanos, que às vezes permitiam, e com igual frequência reprimiam, sua expressão, mas Bagdá também conserva os vestígios da antiga cristandade caldeia e nestoriana, e foi um dos muitos centros da diáspora judaica. Até o final da década de 1940, era o lar

de tantos judeus quanto os que viviam em Jerusalém.

Não vou elaborar aqui uma posição sobre a derrubada de Saddam Hussein em abril de 2003. Simplesmente direi que aqueles que encaravam seu regime como “secular” estão se iludindo. É verdade que o Partido Ba’ath foi fundado por um homem chamado Michel Aflaq, um sinistro cristão com simpatia pelo fascismo, e também é verdade que a filiação ao partido estava aberta a todas as religiões (embora os membros judeus fossem, e tenho todo motivo para pensar, limitados). No entanto, pelo menos desde a sua calamitosa invasão do Irã, em 1980, que levou a furiosas acusações da teocracia iraniana de que ele era um “infiel”, Saddam Hussein vestiu todo seu governo — que de qualquer modo era baseado numa minoria tribal da minoria sunita — com uma roupagem de devoção e jihad. (O Partido Ba’ath sírio, também baseado num fragmento confessional da sociedade alinhado com a minoria alawita, igualmente desfrutou de uma longa e hipócrita relação com os mulás iranianos.) Saddam inscrevera as palavras “Allahu Akbar” — “Deus é Grande” — na bandeira iraquiana. Ele havia patrocinado uma imensa conferência internacional de guerreiros santos e mulás, e mantinha relações muito calorosas com seu outro principal patrocinador na região, a saber, o governo genocida do Sudão. E construía a maior mesquita da região, dando-lhe o nome de mesquita “Mãe de Todas as Batalhas”, completada com um Corão escrito em sangue que ele alegava ser seu. Quando desfechou sua própria campanha genocida contra a população (basicamente sunita) do Curdistão — uma campanha que envolveu o consumado e atroz uso de armas químicas, bem como o assassinato e a deportação de centenas de milhares de pessoas —, ele a tinha chamado de “Operação Anfal”, tomando esse termo emprestado de uma justificativa corânica — “Os Despojos” da sura 8 — para o despojamento e a destruição dos não crentes. Quando as forças da Coalizão cruzaram a fronteira iraquiana, encontraram o exército de Saddam dissolvendo-se feito um torrão de açúcar em chá quente, mas toparam com alguma resistência tenaz de um grupo paramilitar, reforçado por jihadistas estrangeiros, chamados Fedayin Saddam. Uma das tarefas desse grupo era executar qualquer um que desse as boas-vindas à intervenção ocidental, e alguns revoltantes enforcamentos e mutilações públicas logo foram capturados em

vídeo para que todos vissem.

No mínimo, todos podem concordar que o povo iraquiano havia aguentado muita coisa nos precedentes 35 anos de guerra e ditadura, que o regime de Saddam não poderia continuar para sempre como um sistema fora da lei dentro da lei internacional, e que, portanto — quaisquer que possam ter sido as objeções aos reais meios de “mudança de regime” —, toda a sociedade merecia uma espaço para tomar fôlego, no qual pudesse considerar a reconstrução e a reconciliação. Nem um único minuto de tomada de fôlego foi autorizado.

Todo mundo sabe a continuação da história. Os simpatizantes da al-Qaeda, chefiados por um detento jordaniano chamado Abu Musab al-Zarqawi, desfecharam uma frenética campanha de assassinato e sabotagem. Eles não só matavam mulheres sem véu, jornalistas e professores seculares; não só implantavam bombas em igrejas cristãs (o Iraque talvez tenha 2% de cristãos) e baleavam ou mutilavam cristãos que faziam e vendiam álcool; não só fizeram um vídeo de assassinato e degola em massa de um contingente de trabalhadores nepaleses convidados, que presumiram serem hindus e, portanto, não mereciam qualquer consideração. Essas atrocidades podiam ser contadas mais ou menos como rotina. Eles dirigiram a parte mais venenosa de sua campanha de terror contra os concidadãos muçulmanos. As mesquitas e os cortejos fúnebres da longamente oprimida maioria xiita sofriam explosões. Peregrinos que tinham percorrido longas distâncias para os recém-acessíveis santuários de Karbala e Najaf o faziam arriscando suas próprias vidas. Numa carta ao seu líder Osama bin Laden, Zarqawi dava as duas principais razões para essa política excepcionalmente cruel. Em primeiro lugar, escreveu ele, os xiitas eram hereges que não percorriam o caminho de pureza salafista correto. Eram, portanto, presa legítima para os verdadeiramente santos. Em segundo lugar, se fosse possível induzir uma guerra religiosa dentro da sociedade iraquiana, os planos de uma “cruzada” ocidental não dariam em nada.^[4] A esperança óbvia era atizar uma contrarreação dos próprios xiitas, o que levaria os árabes sunitas para os braços dos seus “protetores” binladenistas. E, apesar de alguns nobres apelos por contenção por parte do grande aiatolá xiita Sistani, não se mostrava muito difícil provocar tal reação. Não demorou muito para que os

esquadrões de morte xiitas, muitas vezes trajando uniformes da polícia, estivessem matando e torturando ao acaso membros da fé árabe sunita. A influência sub-reptícia da vizinha “República Islâmica” do Irã não era difícil de detectar, e em algumas áreas xiitas também se tornou perigoso ser uma mulher sem véu ou uma pessoa secular. O Iraque se vangloria de uma longa história de casamentos mistos e cooperação intercomunitária. Mas alguns anos dessa dialética de ódio conseguiram criar uma atmosfera de sofrimento, desconfiança, hostilidade e política baseada em seitas. Mais uma vez, *a religião envenenara tudo*.

Em todos os casos que mencionei, houve aqueles que protestaram em nome da religião e que tentaram se opor à maré crescente de fanatismo e ao culto da morte. Posso pensar num punhado de padres, bispos, rabinos e imãs que puseram a humanidade na frente da sua própria seita ou credo. A história nos dá muitos outros exemplos desses, os quais discutirei mais adiante. Mas esse é um cumprimento ao humanismo, não à religião. Se tocarmos nesse ponto, as crises também levaram a mim, bem como a muitos outros ateístas, a protestar em nome dos católicos que sofriam discriminação na Irlanda, dos muçulmanos bósnios que enfrentavam extermínio nos Balcãs cristãos, de afegãos e iraquianos xiitas que eram levados ao fio da espada por jihadistas sunitas, e vice-versa, e inumeráveis outros casos similares. Adotar essa postura é dever elementar de um ser humano com respeito próprio. Mas a relutância geral das autoridades clericais em emitir uma condenação sem ambiguidades, seja do Vaticano no caso da Croácia ou das lideranças sauditas e iranianas no caso de suas respectivas seitas, é uniformemente repugnante. E assim é a disposição de cada “rebanho” de reverter ao comportamento atávico sob a menor provocação.

Não, sr. Prager, não achei uma regra prudente buscar ajuda quando o serviço religioso se encerra. E isso, conforme eu disse, é só a letra “B”. Em todos esses casos, qualquer pessoa preocupada com a segurança ou dignidade humana teria de esperar fervorosamente por uma erupção maciça de secularismo democrático e republicano.

Não precisei viajar a todos esses lugares exóticos para ver o veneno fazendo efeito. Muito antes do dia crítico de 11 de setembro de 2001, pude

sentir que a religião estava começando a reafirmar seu desafio à sociedade civil. Quando não estou atuando como um correspondente estrangeiro amador em experiência, levo uma vida bastante tranquila e ordeira: escrevo livros e ensaios, ensino meus alunos a amar a literatura inglesa, participo de agradáveis conferências de tipos literários, tomo parte nos transientes debates que surgem na área editorial e na academia. Porém, mesmo essa existência relativamente protegida tem estado sujeita a ultrajantes invasões, insultos e desafios. Em 14 de fevereiro de 1989, meu amigo Salman Rushdie foi atingido simultaneamente por uma sentença de morte e uma sentença de vida, pelo crime de escrever uma obra de ficção. Para ser mais preciso, o chefe teocrático de um Estado estrangeiro — o aiatolá Khomeini do Irã — ofereceu publicamente dinheiro, em seu próprio nome, como recompensa para o assassinato de um romancista que era cidadão de outro país. Àqueles que foram incentivados a perpetrar esse corrompido esquema de assassinato, que se estendia a “todos os envolvidos na publicação” de *Os versos satânicos*, não se oferecia somente uma fria quantia em dinheiro mas, também, um bilhete para o paraíso. É impossível imaginar uma afronta maior a cada valor da livre expressão. O aiatolá não tinha lido, e provavelmente não podia ler, e de toda maneira proibiu todo mundo de ler, o romance. Mas conseguiu deflagrar horrorosas demonstrações, entre os muçulmanos na Grã-Bretanha bem como no mundo todo, onde multidões queimavam livros e berravam que o autor também devia ser lançado às chamas.

Esse episódio — em parte horripilante em parte grotesco — obviamente teve suas origens no mundo material ou “real”. O aiatolá, tendo sacrificado as vidas de centenas de milhares de jovens iranianos numa tentativa de prolongar a guerra que Saddam Hussein começara, e assim transformá-la numa vitória para sua própria teologia reacionária, recentemente fora forçado a reconhecer a realidade de concordar com a resolução de cessar-fogo das Nações Unidas, resolução essa que ele tinha jurado tomar veneno antes de assiná-la. Em outras palavras, ele estava precisando de um “problema”. Um grupo de muçulmanos reacionários na África do Sul, participantes do parlamento títere do regime do apartheid, havia anunciado que se o sr. Rushdie comparecesse a uma feira literária em

seu país, ele seria morto. Um grupo fundamentalista no Paquistão derramara sangue nas ruas. Khomeini tinha de provar que não podia ser sobrepujado por ninguém.

Acontece que há algumas afirmações alegadamente feitas pelo profeta Maomé que são difíceis de conciliar com o ensinamento muçulmano. Eruditos do Corão têm tentado a quadratura desse círculo sugerindo que, nessas instâncias, o Profeta estava acidentalmente recebendo ditados de Satã em vez de Deus. Esse estratagema — que não teria desgraçado a escola mais sinuosa da apologética cristã medieval — oferecia uma oportunidade excelente para um romancista explorar a relação entre texto sagrado e literatura. Mas a mente literal não entende a mente irônica, e a vê sempre como fonte de perigo. Além disso, Rushdie fora educado como muçulmano e tinha compreensão do Corão, o que efetivamente significava que era um apóstata. E “apostasia”, segundo o *hadith*, é passível de punição apenas com a morte. Não há direito de mudança de religião e todos os Estados religiosos sempre insistiram em duras penalidades para aqueles que tentaram.

Uma série de graves atentados foi realizada por esquadrões da morte religiosos, apoiados por embaixadas iranianas, para matar Rushdie. Seus tradutores para o italiano e japonês foram criminosamente agredidos, ao que parece em virtude de uma crença absurda de que o tradutor pudesse saber seu paradeiro, e um deles foi mutilado de forma selvagem e deixado às portas da morte. O editor norueguês foi baleado diversas vezes nas costas com um rifle de alta velocidade e deixado como morto na neve, mas surpreendentemente sobreviveu. Seria de pensar que tal arrogante homicídio de patrocínio estatal, dirigido contra um indivíduo solitário e pacífico que buscava uma vida dedicada à linguagem, tivesse conclamado a uma condenação geral. Mas não foi o que aconteceu. Em consideradas declarações, o Vaticano, o arcebispo de Cantuária, e o rabino-chefe sefaradita de Israel, todos adotaram uma postura de simpatia ao... aiatolá. E o mesmo fez o cardeal arcebispo de Nova York e muitas outras figuras religiosas de menor importância. Enquanto, de maneira geral, davam um jeito de dizer algumas palavras deplorando o fato de recorrer à violência, todos esses homens declararam que o principal problema levantado pela publicação de *Os versos satânicos* não era o assassinato por mercenários, mas a

blasfêmia. Algumas figuras públicas que não faziam parte de ordens religiosas, tais como o escritor marxista John Berger, o historiador conservador Hugh Trevor-Roper e o decano dos autores de espionagem John Le Carré, também declararam que Rushdie era o responsável por seus próprios problemas, e os fizera desabar sobre si ao “ofender” uma grande religião monoteísta. Para essas pessoas, não parecia haver nada de fantástico no fato de a polícia britânica ter de defender um cidadão ex-muçulmano nascido na Índia de uma campanha orquestrada para tirar sua vida em nome de deus.

Protegida como a minha vida normalmente é, senti o gosto dessa situação surreal quando o sr. Rushdie veio para Washington durante o fim de semana de Ação de Graças de 1993, para manter um compromisso com o presidente Clinton, e ficou uma ou duas noites em meu apartamento. Uma enorme e ameaçadora operação de segurança foi necessária para concretizar isso, e quando a visita terminou, pediram-me para fazer uma visita ao Departamento de Estado. Ali fui informado por um funcionário sênior de que fora interceptada uma “conversa” digna de crédito manifestando a intenção de vingança contra mim e a minha família. Fui aconselhado a mudar meu endereço e o número de telefone, o que me pareceu uma maneira improvável de evitar represálias. No entanto, chamou a minha atenção para algo que eu já sabia. Não é possível dizer: Bem, você segue no seu sonho xiita de um imã oculto e eu sigo no meu estudo de Thomas Paine e George Orwell, e o mundo é grande o bastante para nós dois. O verdadeiro crente não consegue descansar até o mundo inteiro curvar-se a seus pés. Não é óbvio para todos, digamos, os devotos, que a autoridade religiosa é suprema e que aqueles que declinam em reconhecê-la abriram mão do seu direito de existir?

E, como sempre acontece, foram os *assassinos* dos xiitas que forçaram esse ponto ao chamar a atenção do mundo alguns anos depois. O regime do Talibã no Afeganistão havia sido tão medonho, chacinando a população hazara xiita, que o próprio Irã havia considerado invadir o país em 1999. E tão grande era a obsessão do Talibã pela profanação que bombardeara e destruíra metodicamente uma das maiores obras culturais do mundo — as estátuas gêmeas de Buda em Bamiyan, que na sua magnificência mostravam

a fusão dos estilos helênico e outros no passado do Afeganistão. Mas, pré-islâmicas como eram, as estátuas constituíam um permanente insulto ao Talibã e a seus hóspedes da al-Qaeda, e a redução de Bamiyan a cacos e entulho serviu de prenúncio para a incineração de outras duas estruturas gêmeas, bem como de quase 3 mil vidas humanas, no centro de Manhattan, no outono de 2001.

Todo mundo tem seu próprio Onze de Setembro: vou passar por cima do meu, exceto para dizer que alguém que eu conhecia ligeiramente foi lançada contra os muros do Pentágono tendo conseguido telefonar ao marido dando uma descrição dos assassinos e das suas táticas (e tendo sabido por ele que não se tratava de um sequestro e que ela ia morrer). Do telhado do meu prédio em Washington, pude ver a fumaça subindo do outro lado do rio e, desde então, nunca mais passei pelo Capitólio ou pela Casa Branca sem pensar no que poderia ter acontecido não fosse a coragem e o expediente dos passageiros do quarto avião, que conseguiram fazer com que ele pousasse na Pensilvânia a apenas vinte minutos de voo do seu destino.

Bem, numa resposta adicional a Dennis Prager, fui capaz de escrever: aí está a sua resposta. Os dezenove assassinos suicidas de Nova York, Washington e Pensilvânia eram, sem sombra de dúvida, os crentes mais sinceros dentro daqueles aviões. Talvez possamos ouvir um pouco menos sobre como “pessoas de fé” possuem vantagens morais que outros só têm a invejar. E o que aprender com o júbilo e a extática propaganda com que o grande feito de fidelidade foi recebido no mundo islâmico? Na época, os Estados Unidos tinham um advogado-geral chamado John Ashcroft, que afirmara que o país “não tinha rei exceto Jesus” (uma declaração exatamente duas palavras longa demais). E um presidente que queria entregar o cuidado dos pobres a instituições “com base na fé”. Não poderia ser esse um momento em que a luz da razão, e a defesa de uma sociedade que separasse igreja e Estado, e que valorizasse a livre expressão e a livre investigação, ganhassem um ou dois pontos?

A decepção foi, e para mim continua sendo, aguda. Em poucas horas, os “reverendos” Pat Robertson e Jerry Falwell anunciaram que a imolação de seus semelhantes era um julgamento divino da sociedade secular que

tolerava homossexualidade e aborto. No serviço memorial solene pelas vítimas, realizado na bela Catedral Nacional, em Washington, foi permitida uma prédica de Billy Graham, um homem cuja ficha de oportunismo e antissemitismo já é por si só uma pequena desgraça nacional. Seu absurdo sermão fazia a alegação de que todos os mortos estavam agora no paraíso e não retornariam a nós mesmo que pudessem. Digo absurdo porque é impossível, mesmo nos termos mais lenientes, acreditar que um bom número de cidadãos pecadores não fora assassinado naquele dia pela al-Qaeda. E não há razão para acreditar que Billy Graham pudesse saber os paradeiros de suas almas, muito menos seus desejos póstumos. Mas havia também algo de sinistro em ouvir alegações detalhadas de conhecimento do paraíso, do tipo que o próprio Bin Laden estava fazendo em nome dos assassinos.

As coisas continuaram a se deteriorar no intervalo entre a remoção do Talibã e a derrubada de Saddam Hussein. Um oficial militar sênior chamado general William Boykin anunciou que lhe fora concedida uma visão enquanto servia anteriormente durante o fiasco na Somália. Ao que parece, a face do próprio Satã fora detectada por alguma fotografia aérea de Mogadíscio, mas isso servira apenas para aumentar a confiança do general de que seu deus era mais forte que a divindade malévola da oposição. Na Academia da Força Aérea dos Estados Unidos, em Colorado Springs, revelou-se que cadetes judeus e agnósticos estavam sendo cruelmente agredidos por um grupo de quadros “renascidos” que não sofriam punição, insistindo que apenas aceitando Jesus como salvador pessoal eles eram qualificados para servir. O vice-comandante da academia enviou e-mails fazendo proselitismo por um dia nacional de oração (cristã). Uma capelã chamada MeLinda Morton, que se queixou dessa histeria e intimidação, foi abruptamente transferida para uma base distante no Japão. Entrementes, o multiculturalismo vazio também contribuía com seu quinhão, assegurando, entre outros meios, a distribuição de edições sauditas baratas do Corão para uso no sistema prisional americano. Esses textos wahabis iam ainda mais longe que o original, recomendando a guerra santa contra todos os cristãos, judeus e secularistas. Observar tudo isso era testemunhar um tipo de suicídio cultural: um “suicídio assistido”, no qual crentes e não crentes

estavam igualmente preparados para officiar.^[5]

Deve-se ressaltar de vez que esse tipo de assunto, além de ser antiético e antiprofissional, era também decididamente inconstitucional e antiamericano. James Madison, autor da Primeira Emenda à Constituição, que proíbe qualquer lei referente ao estabelecimento de uma religião, foi também autor do Artigo VI, que declara sem qualquer ambiguidade que “nenhum teste religioso jamais será exigido como qualificação para qualquer agência ou órgão público”. Seus *Detached Memoranda* [Memorandos Desvinculados] deixam muito claro que ele a princípio se opunha à nomeação governamental de capelães, fosse para as forças armadas ou nas cerimônias de abertura do Congresso. “O estabelecimento de uma capelania no Congresso é uma violação palpável da igualdade de direitos, bem como de princípios constitucionais.” Quanto à presença clerical nas forças armadas, Madison escreveu: “O objeto desse estabelecimento é sedutor; o motivo é louvável. Mas não é mais seguro ater-se a um princípio certo, e confiar nas suas consequências, do que confiar no raciocínio, por mais capcioso que seja, em favor de um princípio errado? Observem os exércitos e marinhas do mundo, e digam se na indicação de seus ministros de religião, o que está mais em vista: o interesse espiritual dos rebanhos ou o interesse temporal do Pastor?”. Qualquer um que citasse Madison hoje provavelmente seria considerado ou subversivo ou insano e, contudo, sem ele e Thomas Jefferson, coautores do Estatuto da Virgínia sobre Liberdade Religiosa, os Estados Unidos teriam prosseguido como era antes — com os judeus proibidos de exercer certos cargos em alguns estados, os católicos em outros e, no estado mais católico de Maryland, uma lei pela qual “palavras profanas concernentes à Santa Trindade” eram passíveis de punição por tortura, marcação a ferro, e, na terceira ofensa, “morte sem benefício de clero”. A Geórgia continuaria sustentando que sua fé estadual oficial era o “protestantismo” — qualquer que pudesse ser entre os muitos híbridos de Lutero.^[6]

À medida que o debate sobre a intervenção no Iraque ia se tornando mais acalorado, torrentes positivas de absurdos jorravam dos púlpitos. A maioria das igrejas se opunha ao esforço de remover Saddam Hussein, e o papa se desgraçou completamente emitindo um convite pessoal ao

procurado criminoso de guerra Tariq Aziz, um homem responsável pelo assassinato oficial de crianças. Aziz não só foi bem recebido no Vaticano como importante membro católico de um partido fascista governante (não foi a primeira vez que tal indulgência foi concedida), como foi levado a Assisi para uma sessão pessoal de preces no santuário de São Francisco, que aparentemente costumava discursar para os pássaros. Isso, ele deve ter pensado, era fácil demais. Do outro lado do espectro confessional, alguns, mas não todos, os evangélicos americanos trovejaram jubilosamente ante a perspectiva de ganhar o mundo muçulmano para Jesus. (Digo “alguns, mas não todos” porque um grupo dissidente fundamentalista começou a partir dali a fazer piquetes nos funerais de soldados americanos mortos no Iraque, alegando que suas mortes são uma punição divina por causa da homossexualidade americana. Uma placa especialmente saborosa, esfregada na cara dos enlutados, é “Graças a Deus pelos IEDs”,¹⁷ as bombas colocadas junto às estradas por fascistas muçulmanos igualmente antigays. Não é meu problema decidir qual é a teologia correta aqui: Eu diria que as chances de qualquer uma estar correta são as mesmas.) Charles Stanley, cujos sermões semanais da Primeira Igreja Batista em Atlanta são assistidos por milhões de pessoas, poderia ter sido qualquer imã demagógico quando disse: “Devemos nos oferecer para servir ao esforço de guerra de qualquer maneira possível. Deus combate com gente que se opõe a Ele, que luta contra Ele e seus seguidores”. O serviço de notícias Baptist Press da sua organização imprimiu o artigo de um missionário exultante pelo fato de “a política externa americana, o seu poder militar, abriram uma oportunidade para o evangelho na terra de Abraão, Isaac e Jacó”. Para não ser superado, Tim LaHaye resolveu ir ainda mais longe. Mais conhecido como coautor da série de romances pulp *Left Behind*, que deixam o americano médio pronto para o “arrebato” e depois para o Armagedom, ele falou do Iraque como “um ponto focal nos acontecimentos do fim dos tempos”. Outros entusiastas bíblicos tentaram ligar Saddam Hussein ao perverso rei Nabucodonosor da antiga Babilônia, uma comparação que o próprio ditador provavelmente teria aprovado, dada a reconstrução feita por ele dos antigos muros da Babilônia com tijolos que tinham seu nome inscrito em cada um deles. Assim, em vez de uma discussão racional sobre a melhor maneira de

conter e derrotar o fanatismo religioso, havia o reforço mútuo das duas formas da mania: a agressão jihadista reconjurava o espectro sanguinário das Cruzadas.^[8]

Sob esse aspecto, a religião não é diferente do racismo. Uma versão dela inspira e provoca a outra. Certa vez me fizeram outra pergunta traiçoeira, pouco mais profunda que a de Dennis Prager, destinada a revelar o meu nível de preconceito latente. Você está numa plataforma de metrô em Nova York, tarde da noite, numa estação deserta. De repente aparece um grupo de uma dúzia de negros. Você permanece onde está ou se dirige para a saída? Mais uma vez fui capaz de responder que tinha tido essa exata experiência. Esperando sozinho um trem, bem depois da meia-noite, vi-me de repente acompanhado de uma equipe de manutenção saindo do túnel com suas ferramentas e luvas de trabalho. Todos eles eram negros. Imediatamente me senti mais seguro e fui na direção deles. Não tinha a menor ideia de qual era sua filiação religiosa. Mas, nos outros casos que citei, a religião tinha sido um enorme multiplicador de suspeita e ódio tribal, com os membros de cada grupo falando do outro precisamente nos mesmos tons de intolerância. Os cristãos comem carne de porco contaminada, e eles e os judeus ingerem o venenoso álcool. Os moradores budistas e muçulmanos do Sri Lanka culpavam as celebrações de Natal de 2004, onde se consumiu vinho, pelo tsunami que imediatamente se seguiu. Católicos são sujos e têm filhos demais. Os muçulmanos procriam como coelhos e limpam o traseiro com a mão errada. Os judeus têm piolhos nas barbas e buscam o sangue de crianças cristãs para adicionar sabor e prazer às matzot da Páscoa judaica — o Pessach. E assim por diante.

UMA BREVE DIGRESSÃO SOBRE O PORCO; OU POR QUE O CÉU DETESTA PRESUNTO

TODAS AS RELIGIÕES TENDEM A APRESENTAR ALGUMA RESTRIÇÃO ou proibição dietética, seja a agora caducada injunção católica de comer peixe às sextas-feiras, ou a adoração da vaca pelos hindus como animal consagrado e invulnerável (o governo da Índia chegou a se oferecer para importar e proteger todo o gado que enfrentasse abate como resultado da encefalite bovina, ou doença da “vaca louca”, que varreu a Europa na década de 1990), ou a recusa por parte de algumas culturas orientais de consumir qualquer carne animal, ou fazer mal a qualquer outra criatura, seja rato ou pulga. Mas o mais velho e mais persistente de todos os fetiches é o ódio, e até mesmo o pavor, do porco. Ele surgiu na Judeia primitiva, e durante séculos foi uma das maneiras — sendo a outra a circuncisão — pela qual os judeus podiam ser reconhecidos.

Mesmo que a sura 5.60 do Corão condene particularmente os judeus, mas também outros não crentes a se transformarem em porcos e macacos — um tema muito intenso na recente pregação muçulmana salafista —, e que o Corão descreva a carne suína como suja ou até mesmo “abominável”, os muçulmanos não parecem ver nada de irônico na adoção desse tabu especialmente judaico. Um verdadeiro horror aos porcinos manifesta-se por todo o mundo islâmico. Um bom exemplo seria a continuidade da proibição de *A revolução dos bichos* de George Orwell, uma das mais encantadoras e úteis fábulas dos tempos modernos, de cuja leitura as crianças muçulmanas em idade escolar são privadas. Cheguei a examinar algumas das solenes ordens de proibição escritas por ministros da Educação árabes, que são tão estúpidos que deixam de perceber o papel malévolos e ditatorial

*image
not
available*

escovas. Na *graphic novel* de Upton Sinclair do matadouro de Chicago, *The Jungle*, é angustiante ler sobre como aqueles porcos são transportados suspensos em ganchos, berrando enquanto suas gargantas são cortadas. Mesmo os nervos mais fortes dos trabalhadores mais calejados ficam abalados com a experiência. Há alguma coisa naquele grito...

Forçando um pouco mais, pode-se notar que as crianças, quando não molestadas por rabinos e imãs, são muito atraídas por porcos, especialmente leitõezinhos, e que geralmente os bombeiros não gostam de comer porco assado nem torresmo. A primitiva palavra vernacular para carne humana assada na Nova Guiné e em outros lugares é “porco comprido”: eu pessoalmente nunca tive essa relevante experiência gustativa, mas parece que nós temos sim, quando comidos, um sabor muito semelhante ao dos porcos.

Isso ajuda a tornar absurda a habitual explicação “secular” da proibição original judaica. Argumenta-se que a proibição foi inicialmente racional, uma vez que a carne de porco em climas quentes pode se tornar rançosa e desenvolver os vermes da triquinose. Essa objeção — que talvez se aplique no caso de moluscos não *kasher*^[2] — é absurda quando aplicada às condições atuais. Primeiro, a triquinose é encontrada em todos os climas, na verdade ocorre mais nos climas frios que nos quentes. Segundo, antigos assentamentos judaicos na terra de Canaã podem ser facilmente distinguidos pelos arqueólogos através da ausência de ossos de porco em seus escombros, em oposição à presença de tais ossos nos resíduos de outras comunidades. Em outras palavras, os não judeus não adoeciam nem morriam por comer carne de porco. (Além de qualquer outra coisa, se *tivessem* morrido por essa razão, não teria havido necessidade de o deus de Moisés ordenar sua matança por não-comedores-de-porco.)

Deve haver, portanto, alguma outra resposta para esse enigma. Considero a minha própria solução como original, embora sem o auxílio de Sir James Frazer e do grande Ibn Warraq eu poderia não ter deparado com ela. Segundo muitas autoridades antigas, a atitude dos primeiros semitas em relação ao suíno era tanto de reverência quanto de repugnância. Comer carne de porco era considerado algo especial, até mesmo privilegiado e ritualista. (Essa confusão maluca entre o sagrado e o profano é encontrada em todos os credos em todos os tempos.) A simultânea atração e repulsão

*image
not
available*

Blandings, e as delícias infinitamente renováveis do conde de Emsworth nas esplêndidas páginas do incomparável autor sr. Whiffle, *The Care of the Pig*, mas haverá encrenca quando lá chegarem. Uma velha estátua de um javali selvagem, num arboreto na Média Inglaterra, já foi ameaçada pelo inconsequente vandalismo islâmico.

Num microcosmo, esse fetiche aparentemente trivial mostra como a religião, a fé e a superstição distorcem toda a nossa imagem do mundo. O porco é tão próximo de nós, e tem sido tão conveniente para nós sob tantos aspectos, que atualmente os humanistas defendem com afinco que ele não deveria ser criado industrialmente, confinado, separado da sua cria e forçado a viver em sua própria imundície. Deixando de lado todas as outras considerações, a resultante carne rosada e esponjosa *é sim* um tanto repulsiva. Mas essa é uma decisão que podemos tomar sob a luz clara da razão e da compaixão, como algo estendido a criaturas semelhantes e aparentadas, e não como resultado de encantações das fogueiras da Idade do Ferro, onde delitos muito piores eram celebrados em nome de deus. “Cabeça de porco numa estaca”, diz o nervoso mas intrépido Ralph em face do ídolo zumbindo e supurando (primeiro morto e depois adorado) construído por escolares cruéis e apavorados em *O senhor das moscas*. “Cabeça de porco numa estaca.” E ele estava mais certo do que podia saber, e era muito mais sábio que os mais velhos, assim como os delinquentes mais jovens.

UMA NOTA SOBRE SAÚDE, PARA A QUAL A RELIGIÃO PODE SER ARRISCADA

Em épocas obscuras as pessoas são mais bem guiadas pela religião, da mesma maneira que numa noite escura como o breu um homem cego é o melhor guia; ele conhece as estradas e os caminhos melhor do que um homem que pode ver. Quando chega a luz do dia, porém, é tolice usar um velho cego como guia.

HEINRICH HEINE, *Gedanken und Einfalle*

NO OUTONO DE 2001 EU ESTAVA EM CALCUTÁ COM O MAGNÍFICO fotógrafo Sebastião Salgado, um gênio brasileiro cujos estudos com a câmera tornaram vívidas as vidas de imigrantes, vítimas de guerras e aqueles trabalhadores que labutam para extrair produtos primários de minas e pedreiras e florestas. Nessa ocasião, ele estava atuando como enviado da Unicef e promovendo sua causa como uma cruzada — no sentido positivo do termo — contra o flagelo da pólio. Graças ao trabalho de cientistas inspirados e iluminados como Jonas Salk, agora é possível imunizar crianças contra essa terrível enfermidade por um custo desprezível: os poucos centavos que custam para administrar duas gotas de vacina oral na boca de uma criança. Avanços na medicina têm conseguido deixar para trás o medo da varíola, e esperava-se confiantemente que mais um ano seria suficiente para fazer o mesmo com a pólio. A própria humanidade parecia ter se unido em torno dessa proposta. Em diversos países, incluindo El Salvador, combatentes em guerra haviam declarado cessar-fogo para permitir que as equipes de vacinação se movimentassem com mais liberdade. Países extremamente pobres e atrasados haviam investido recursos para levar as boas-novas a cada vilarejo:

nenhuma criança mais morreria, ou ficaria inválida e desgraçada, por causa dessa doença medonha. De volta a Washington, onde naquele ano muita gente mantinha-se em casa, com medo, após o Onze de Setembro, minha filha mais nova ia destemidamente de porta em porta no Halloween, exclamando “Gostosuras ou Travessuras para a Unicef”, assim curando ou salvando, com cada punhadinho de trocados, crianças que ela jamais conheceria. Tinha-se aquela rara sensação de participar de um empreendimento inteiramente positivo.

As pessoas de Bengala, sobretudo as mulheres, foram entusiasmadas e inventivas. Lembro-me de uma reunião do comitê em que convictas donas de casa em Calcutá planejaram sem o menor constrangimento unir-se às prostitutas da cidade para espalhar a informação até os confins mais longínquos da sociedade. Tragam suas crianças, ninguém fará perguntas, deixem que elas tomem as duas gotinhas. Alguém sabia de um elefante a alguns quilômetros da cidade que podia ser alugado para fazer um desfile de propaganda. Tudo ia bem: numa das cidades e num dos estados mais pobres do mundo havia um recomeço. E então, começamos a ouvir um boato. Em alguns lugares remotos, cabeças-duras muçulmanos estavam espalhando a história de que as gotinhas eram um golpe. Se você tomasse esse sinistro remédio ocidental, seria atacado por impotência e diarreia (uma combinação deprimente e ameaçadora).

Era um problema, porque as gotas precisam ser administradas duas vezes — a segunda vez como reforço e confirmação de imunidade —, e bastam apenas algumas poucas pessoas não vacinadas para permitir que a doença sobreviva e reviva, e volte a se espalhar através do contato e do fornecimento de água. Como no caso da varíola, a erradicação precisa ser completa e absoluta. Ao deixar Calcutá, perguntava-me se a Bengala Ocidental conseguiria cumprir o prazo e declarar-se livre da pólio no fim do ano seguinte. Isso deixaria apenas bolsões do Afeganistão e uma ou duas regiões inacessíveis, já devastadas pelo fervor religioso, antes de podermos dizer que mais uma antiga tirania da doença fora decisivamente derrubada.

Em 2005 fiquei sabendo de um resultado. Na Nigéria — um país que antes fora verificado como provisoriamente livre da pólio — um grupo de figuras religiosas islâmicas emitiu uma sentença, ou *fatwa*, declarando que a

vacina contra a pólio era uma conspiração dos Estados Unidos (e, surpreendentemente, das Nações Unidas) contra a fé muçulmana. As gotas eram destinadas, diziam esses mulás, a esterilizar os verdadeiros crentes. Sua intenção e efeito eram genocidas. Ninguém deveria tomá-las, nem administrá-las às crianças. Em poucos meses a pólio estava de volta, e não só no norte da Nigéria. Os viajantes e peregrinos nigerianos já a tinham levado até Meca, voltando a disseminá-la para outros países livres da pólio, inclusive três países africanos e também o distante Iêmen. A pesada rocha teria de ser novamente empurrada de volta até o alto da montanha.

Você pode dizer que este é um caso “isolado”, o que seria uma forma sombriamente adequada de colocar a situação. Mas estaria enganado. Você se importaria de ver o meu vídeo do conselho dado pelo cardeal Alfonso Lopez de Trujillo, o presidente, no Vaticano, do Pontifício Conselho para a Família, advertindo com cuidado sua audiência de que todos os preservativos são feitos secretamente com muitos furos microscópicos, pelos quais o vírus da AIDS pode passar? Feche os olhos e tente visualizar o que você diria se tivesse a autoridade de infligir o maior sofrimento possível com a mínima quantidade de palavras. Considere o dano que esse dogma causou: presumivelmente tais furos também permitem a passagem de outras coisas, o que, em primeiro lugar, destrói a utilidade do preservativo. Fazer tal afirmação em Roma já é perverso o suficiente. Mas traduza a mensagem para a língua de países pobres e sofridos, e veja o que acontece. Durante a época de Carnaval no Brasil, o bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Rafael Llano Cifuentes, disse num sermão à sua congregação que “a igreja é contra o uso da camisinha. Relações sexuais entre homem e mulher devem ser naturais. Nunca vi um cachorro usando camisinha durante sua relação com outro cachorro”.^[10] Figuras clericais graduadas em vários outros países — o cardeal Obando y Bravo da Nicarágua, o arcebispo de Nairóbi, no Quênia, o cardeal Emmanuel Wamala de Uganda —, todos eles disseram a seus rebanhos que camisinhas transmitem AIDS. O cardeal Wamala, de fato, deu a opinião de que mulheres que morrem de AIDS em vez de empregar proteção de látex deveriam ser consideradas mártires (embora presumivelmente esse martírio tenha lugar dentro dos limites do casamento).

As autoridades islâmicas não têm sido melhores, mas algumas vezes até

piores. Em 1995, o Conselho de Ulemás da Indonésia instou que preservativos só fossem disponibilizados a pares oficialmente casados, e com prescrição. No Irã, um trabalhador que seja descoberto como HIV positivo pode perder o emprego, e médicos e hospitais têm o direito de recusar tratamento para pacientes com AIDS. Um funcionário do Programa de Controle da AIDS do Paquistão disse à revista *Foreign Policy* em 2005 que o problema era menor em seu país por causa de “melhores valores sociais e islâmicos”.^[111] Isso num Estado onde a lei permite que uma mulher seja *condenada* a sofrer estupro coletivo para expiar a “vergonha” de um crime cometido pelo seu irmão. É a velha combinação religiosa de repressão e negação: um flagelo como a AIDS não pode ser mencionado porque os ensinamentos do Corão são, por si só, suficientes para inibir o sexo pré-marital, o uso de drogas, o adultério e a prostituição. Mesmo uma breve visita, digamos, ao Irã, demonstrará o contrário. São os próprios mulás que lucram com a hipocrisia licenciando “casamentos temporários”, nos quais os certificados de casamento valem por algumas horas, às vezes em casas especialmente designadas, com uma declaração de divórcio pronta para ser entregue na conclusão dos negócios. Isso poderia quase ser chamado de prostituição... Da última vez em que me foi oferecida uma oportunidade dessas, foi bem na frente do horroroso santuário do aiatolá Khomeini, ao sul de Teerã. Mas, mulheres de véu e trajando burcas, infectadas por seus maridos com o vírus, devem morrer em silêncio. É certeza que milhões de outras pessoas decentes e inofensivas morrerão, impotentes e miseráveis, em todo o mundo, como resultado desse obscurantismo.

A atitude da religião em relação à medicina, como a atitude da religião em relação à ciência, sempre é necessariamente problemática e com frequência necessariamente hostil. Um crente moderno pode dizer e até mesmo acreditar que sua fé é bastante compatível com a ciência e a medicina, mas o fato constrangedor sempre será que ambas têm a tendência de quebrar o monopólio da religião e, muitas vezes, sofrem feroz resistência por esse motivo. O que acontece com o curador religioso ou xamã quando qualquer pobre cidadão pode ver o efeito pleno de medicamentos e cirurgias, administrados sem cerimônias ou mitificações? Mais ou menos a mesma coisa que acontece com o fazedor de chuva quando aparece o

*image
not
available*

para interpretar a natureza? Eles têm se mostrado bastante incapazes de fazê-lo. Um preservativo é, simplesmente, uma condição necessária mas não suficiente para evitar a transmissão da AIDS. Todas as autoridades qualificadas, inclusive aquelas que afirmam que a abstinência é ainda melhor, estão de acordo quanto a isso. A homossexualidade está presente em todas as sociedades, e sua incidência poderia parecer parte do “desígnio” humano. Devemos forçosamente confrontar tais fatos da maneira como os encontramos. Sabemos agora que a peste bubônica não foi espalhada pelo pecado nem por decadência moral, mas por ratos e pulgas. O arcebispo Lancelot Andrewes, durante a celebrada “Morte Negra” em Londres, em 1665, notou com inquietude que o horror recaía tanto sobre os que oravam e mantinham a fé quanto sobre aqueles que não o faziam. Ele chegou perigosamente perto de tropeçar em um fato real. Enquanto escrevia este capítulo, irrompeu uma discussão em minha cidade, Washington, D. C. O papilomavírus humano (HPV) há muito é conhecido como uma infecção sexualmente transmissível que, na sua pior forma, pode causar câncer cervical em mulheres. Existe agora uma vacina — atualmente as vacinas são desenvolvidas com rapidez cada vez maior — não para curar a doença, mas para imunizar mulheres contra ela. Mas há forças na administração que se opõem à adoção dessa medida, sob o pretexto de que ela falha em desestimular o sexo pré-marital. Aceitar a disseminação do câncer cervical em nome de deus não é diferente, moral ou intelectualmente, de sacrificar essas mulheres num altar de pedra e agradecer à divindade por nos dar o impulso sexual e, então, condená-lo.

Não sabemos quanta gente na África morreu ou morrerá por causa do vírus da AIDS, que foi isolado e se tornou tratável, num grande feito da pesquisa científica humana, pouco tempo depois de ter feito sua aparição letal. De outro lado, sabemos sim que fazer sexo com uma virgem — uma das “curas” locais mais populares — na verdade não impede nem elimina a infecção. E sabemos também que o uso de preservativos pode ao menos contribuir, como forma de profilaxia, para a limitação e contenção do vírus. Não estamos lidando, como os primeiros missionários teriam adorado acreditar, com curandeiros e selvagens que resistem aos benefícios que os missionários trazem. Não, estamos lidando com a administração Bush, que,

numa república supostamente secular no século XXI, recusa-se a compartilhar seu orçamento de auxílio ao exterior com instituições beneficentes e clínicas que ofereçam conselho sobre planejamento familiar. Pelo menos duas das maiores religiões estabelecidas, com milhões de adeptos na África, acreditam que a cura é muito pior que a doença. E também alimentam a crença de que a praga da AIDS é, de certo modo, um veredicto do céu para o desvio sexual — em particular a homossexualidade. Um simples golpe da potente navalha de Ockham eviscera essa malcozida selvageria: mulheres homossexuais não só não contraem AIDS (exceto se tiverem azar numa transfusão ou agulha), como estão mais livres de *toda* infecção venérea até mesmo em relação aos heterossexuais. No entanto, as autoridades clericais persistentemente se recusam a ser honestas até mesmo em relação à existência de lésbicas. Fazendo isso, seguem demonstrando que a religião continua a representar uma urgente ameaça à saúde pública.

Faço uma pergunta hipotética. Sendo um homem de uns 57 anos, sou surpreendido chupando o pênis de um bebê. Peço que você visualize o seu ultraje e repulsa. Ah, mas eu já tenho a minha explicação toda pronta. Sou um mohel: um circuncidador oficial autorizado a remover prepúcios. Minha autoridade provém de um texto antigo, que ordena que eu pegue o pênis do menino na mão, faça o corte em torno do prepúcio e complete o ato pondo o pênis na boca, sugando o prepúcio e cuspiendo fora a pele amputada junto com um bocado de sangue e saliva. Essa prática foi abandonada pela maioria dos judeus, seja por causa da sua natureza pouco higiênica, seja devido a associações perturbadoras, mas ainda persiste entre os fundamentalistas hassídicos que esperam a reconstrução do Segundo Templo em Jerusalém. Para eles, o rito primitivo da *peri'ah metsitah* é parte da original e inquebrável aliança com deus. Na cidade de Nova York, em 2005, descobriu-se que esse ritual, realizado por um mohel de 57 anos, passou herpes genital para vários garotinhos, tendo causado a morte de pelos menos dois deles. Em circunstâncias normais, a revelação teria levado o Departamento de Saúde Pública a proibir a prática e o prefeito a denunciá-la. Mas na capital do mundo moderno, na primeira década do século XXI, não foi o que aconteceu. Em vez disso, o prefeito Bloomberg desconsiderou os relatórios dos distintos médicos judeus que advertiram do perigo desse costume,

dizendo à sua burocracia na área de saúde para adiar qualquer veredicto. O crucial, disse ele, era ter certeza de que o direito de livre exercício da religião não estava sendo infringido. Num debate público com Peter Steinfels, o liberal “editor de religião” católico do *New York Times*, disseram-me a mesma coisa.

Acontece que era ano de eleição para prefeito em Nova York, o que frequentemente explica muita coisa. Em grandes áreas da África animista e muçulmana, meninas novas são sujeitas ao inferno da circuncisão e infibulação, a mutilação genital que envolve cortar os lábios e o clitóris, geralmente com uma pedra afiada, e então costurar a abertura vaginal com um barbante forte, que não deve ser removido até que rompido pela força masculina na noite nupcial. Compaixão e biologia permitem que nesse meio-tempo seja deixada uma pequena abertura para a passagem do sangue menstrual. O cheiro fétido, a dor, a humilhação e o sofrimento resultantes excedem qualquer coisa que se possa facilmente imaginar, e de maneira inevitável resultam em infecção, esterilidade, vergonha e morte de muitas das mulheres e bebês no parto. Nenhuma sociedade poderia tolerar tal insulto à condição da mulher e, portanto, a sobrevivência desse hábito, se não fosse a abominável prática sagrada e santificada. Mas então, nenhum nova-iorquino permitiria atrocidades contra crianças de colo não fosse por essa mesma consideração. Pais professando acreditar nas absurdas alegações de “Ciência Cristã” têm sido acusados, mas nem sempre condenados, de negar cuidados médicos urgentes a seus filhos. Pais que se imaginam sendo “Testemunhas de Jeová” têm recusado permissão para que seus filhos recebam transfusões de sangue. Pais que imaginam que um homem chamado Joseph Smith foi conduzido a um conjunto de placas de ouro enterradas têm casado suas filhas “mórmons” menores de idade com tios e cunhados, que algumas vezes já têm esposas mais velhas. Os fundamentalistas xiitas no Irã baixaram a idade de “consentimento” para nove anos, talvez numa admirada imitação à idade da “esposa” mais nova do “profeta” Maomé. Noivas crianças na Índia são açoitadas, e às vezes queimadas vivas, se o patético dote que trazem for julgado pequeno demais. O Vaticano, e a sua vasta rede de dioceses, somente na década passada foi obrigado a admitir cumplicidade num enorme clamor de estupro e tortura

infantil, sobretudo, mas não exclusivamente, homossexual, no qual pederastas e sádicos foram protegidos pela lei e redesignados para paróquias onde a colheita de inocentes e indefesos era, com frequência, ainda mais rica. Somente na Irlanda — que uma vez já foi uma discípula incapaz de questionar a Santa Mãe Igreja — estima-se agora que as crianças de escolas religiosas *não* molestadas eram provavelmente a minoria.

Agora, a religião professa um papel especial na proteção e instrução de crianças. “Desgraçado aquele”, diz o Grande Inquisidor em *Os irmãos Karamazov*, de Dostoiévski, “que maltrata uma criança.” O Novo Testamento traz Jesus informando-nos que alguém com essa culpa seria melhor se estivesse no fundo do mar, e com uma pedra de moer em volta do pescoço. Mas, tanto na teoria quanto na prática, a religião usa os inocentes e indefesos para propósitos de experimentos. De maneira nenhuma um judeu praticante adulto permitiria que seu pênis com o prepúcio cortado fosse colocado na boca de um rabino. (Isso seria legal, pelo menos em Nova York.) De maneira nenhuma mulheres adultas que se preocupam com seus clitóris e lábios vaginais permitiriam ser costuradas por outras desventuradas mulheres adultas. De maneira nenhuma Abraão se ofereceria para cometer filicídio para provar sua devoção ao Senhor ou à sua crença nas vozes que ouvia dentro da cabeça. De maneira nenhuma pais devotos se negariam ao socorro da medicina diante de um agudo estado de dor ou sofrimento. De maneira nenhuma — pelo que eu possa apreciar — um padre que fez os votos de celibato se permitiria ser um homossexual promíscuo. De maneira nenhuma uma congregação que acredita em exorcizar o diabo pelo chicote escolheria um novo adulto a cada semana e o açoitaria até sangrar. De maneira nenhuma qualquer um que acredite em criacionismo instruiria seus colegas durante a hora do almoço. Mas o recrutamento de crianças desprotegidas para esses propósitos é algo que mesmo o mais dedicado secularista pode descrever com segurança como pecado.

Eu não me coloco como um exemplo de moral, e seria rapidamente derrubado se o fizesse, mas se eu fosse suspeito de estuprar uma criança, ou torturar uma criança, ou infectar uma criança com doença venérea, ou vender uma criança para escravidão sexual ou de qualquer outro tipo,

consideraria cometer suicídio, quer fosse culpado, quer não. Se tivesse realmente cometido o delito, saudaria a morte sob qualquer forma que ela viesse tomar. A repulsa é inata em qualquer pessoa sadia, e não precisa ser ensinada. Como a religião tem se mostrado especialmente delinquente no assunto em que a autoridade moral e ética poderia ser contada como universal e absoluta, penso que temos o direito a pelo menos três conclusões provisórias. A primeira é que a religião e as igrejas são fabricadas, e que esse fato gritante é óbvio demais para se ignorar. A segunda é que ética e moralidade são bastante independentes da fé e não podem derivar dela. A terceira é que a religião é — devido às suas alegações de permissão divina para suas práticas e crenças — não só amoral, mas imoral. O brutamonte ou psicopata ignorante que maltrata seus filhos deve ser punido mas pode ser compreendido. Aqueles que alegam um mandado celeste para a crueldade foram envenenados pelo mal e também constituem mais do que um perigo.

Na cidade de Jerusalém há uma ala especial no hospital psiquiátrico para aqueles que representam perigo para si mesmos e para os outros. Esses pacientes delirantes são os que sofrem da “síndrome de Jerusalém”. A polícia e os oficiais de segurança são treinados para reconhecê-los, embora sua mania esteja muitas vezes oculta sob uma máscara de tranquilidade enganadoramente beatífica. São pessoas que vieram à cidade santa para se anunciar como Messias ou redentor, ou para proclamar o fim dos tempos. A conexão entre a fé religiosa e a desordem mental é, do ponto de vista do tolerante e do “multicultural”, tanto muito óbvia quanto altamente não mencionável. Se alguém mata seus filhos e então diz que deus lhe ordenou a fazê-lo, podemos considerá-lo não culpado por motivo de insanidade, mas assim mesmo seria encarcerado. Se alguém mora numa caverna e alega estar tendo visões e experimentando sonhos proféticos, podemos deixá-lo em paz até que se descubra que ele está planejando, de maneira nada espectral, a alegria de um atentado suicida. Se alguém se anuncia como um ungido de deus, e começa a estocar suco em pó Kool-Aid e armas e a se servir das mulheres e filhas de seus acólitos, nós franzimos um pouco mais a testa em ceticismo. Mas se essas coisas puderem ser pregadas sob a proteção de uma

*image
not
available*

desenvolver um céu tentador —, mas tem sido pródigo em sua promessa de punição sádica e eterna para os reincidentes sexuais, o que é quase igualmente revelador para mostrar o mesmo ponto de maneira diferente.

Um subgênero especial da literatura moderna é a autobiografia de um homem ou de uma mulher que uma vez passou por educação religiosa. O mundo moderno é atualmente secular o bastante para que alguns desses autores tentem fazer graça com aquilo pelo que passaram e sobre o que se esperava que acreditassem. No entanto, tais livros tendem necessariamente a ser escritos por aqueles afortunados que sobreviveram à experiência. Não temos meios de quantificar os danos causados quando se diz a dezenas de milhões de crianças que a masturbação as deixará cegas, ou que pensamentos impuros provocarão uma eternidade de tormentos, ou que membros de outros credos, inclusive das suas próprias famílias, arderão em chamas, ou que beijos resultam em doenças venéreas. Tampouco podemos ter esperança de quantificar os danos causados por santos instrutores que enfatizam essas mentiras e as acompanham por chicotadas, estupros e humilhações públicas. Alguns daqueles que “repousam em tumbas não visitadas” podem ter contribuído para o bem no mundo, mas aqueles que pregaram ódio, medo e culpa, e que arruinaram inúmeras infâncias, deveriam ser gratos por terem pregado um inferno que foi somente uma entre suas perversas falsidades, e por não terem sido enviados para ali apodrecer.

Violenta, irracional, intolerante, aliada ao racismo, tribalismo e fanatismo, investida em ignorância e hostil à livre investigação, desprezando mulheres e coerciva em relação às crianças: a religião organizada deveria ter muita coisa pesando em sua consciência. Há mais uma acusação a ser acrescentada à lista. Como parte necessária de sua mente coletiva, a religião aguarda a destruição do mundo. Com esse termo não quero dizer que ela “aguarda” no sentido puramente escatológico de antecipar o fim. Quero dizer, sim, que ela almeja aberta ou dissimuladamente que o fim ocorra. Talvez parcialmente cônica de que seus argumentos insustentáveis não sejam inteiramente persuasivos, e talvez constrangida com sua própria e

gananciosa acumulação de poder e riqueza temporais, a religião nunca cessou de proclamar o Apocalipse e o dia do juízo. Esse tem sido um tema constante, desde os tempos em que os primeiros curandeiros e xamãs aprenderam a predizer eclipses e a usá-los em seu malcozido conhecimento celeste para aterrorizar os ignorantes. E se estende das epístolas de São Paulo, que claramente pensava e esperava que o tempo estivesse se esgotando para a humanidade, passando pelas dementes fantasias do livro da Revelação, ou do Apocalipse, que ao menos foi escrito de forma memorável pelo alegado São João, o Divino, na ilha grega de Patmos, até a série de pulp-fiction recordista de vendas *Left Behind*, que, de ostensiva “autoria” de Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins, foi ao que parece gerada pelo velho expediente de deixar dois orangotangos soltos num processador de texto:

O sangue continuava a subir. Milhões de aves se agrupavam na área banqueteadando-se com os restos [...] e a espremedeira de vinhos foi pisoteada fora da cidade, e sangue saiu da espremedeira, até a altura das rédeas dos cavalos, por trezentos e cinquenta e dois quilômetros.^[13]

Isso é puro deleite maníaco, entremeado de meias citações. De forma mais reflexiva, mas dificilmente menos lamentável, pode ser encontrado em “Battle Hymn of the Republic”, de Julia Ward Howe, que trata da mesma espremedeira de vinhos, e no murmúrio de Robert Oppenheimer ao assistir a primeira detonação nuclear em Alamogordo, Novo México, e ouvir a si mesmo citando o épico hindu Bhagavad Gita: “Eu me tornei a Morte, o destruidor de mundos”. Uma das muitas associações entre a crença religiosa e a sinistra, mimada e egoísta infância da nossa espécie é o desejo reprimido de ver tudo destruído, arruinado, transformado em nada. Essa necessidade colérica é acoplada a duas outras espécies de “alegria de culpa” ou, como dizem os alemães, *schadenfreude*. A primeira, a própria morte é cancelada — ou talvez reembolsada ou compensada — pela obliteração de todos os outros. A segunda, sempre se pode esperar de modo egoísta que sejamos pessoalmente poupados, contentemente conduzidos ao seio do exterminador em massa, e de um local seguro observar os sofrimentos dos menos afortunados. Tertuliano, um dos muitos pais da igreja que achavam difícil dar uma descrição persuasiva do paraíso, talvez tenha sido esperto em recorrer ao mais baixo denominador comum possível e prometer que um

dos prazeres mais intensos do pós-vida seria a interminável contemplação das torturas dos malditos. Ele falou com mais verdade do que imaginava evocando o caráter artificial da fé.

Como em todos os casos, os achados da ciência são muito mais inspiradores de reverência do que as retóricas divinas. A história do cosmo começa, se usarmos a palavra “tempo” significando alguma coisa, cerca de 12 bilhões de anos atrás. (Se usarmos a palavra “tempo” de forma errada, acabaremos com os cálculos infantis do celebrado arcebispo James Ussher de Armagh, que calculou que a Terra — “a Terra” sozinha, entenda bem, não o cosmo — teve como data de nascimento o sábado, 22 de outubro, em 4004 a.C., às seis da tarde. Essa determinação de data foi endossada por William Jennings Bryan, um ex-secretário de Estado americano e duas vezes indicado como candidato presidencial democrata, num depoimento dado à corte na terceira década do século XX.) A verdadeira idade do Sol e dos planetas que o orbitam — um deles destinado a abrigar vida e todos os outros condenados à ausência de vida — talvez seja 4,5 bilhões de anos, sujeito à revisão. Esse microscópico sistema solar específico provavelmente tem pelo menos esse mesmo número de anos para percorrer seu impetuoso curso: a expectativa de vida do nosso Sol é de mais cinco sólidos bilhões de anos. No entanto, marque no calendário. Por volta dessa época, ele imitará milhões de outros sóis e sofrerá uma explosiva mutação para uma inchada “gigante vermelha”, fazendo com que os oceanos terrestres fervam e extinguindo toda possibilidade de vida de qualquer forma. Nenhuma descrição de qualquer profeta ou visionário chega sequer perto de retratar a terrível intensidade e irrevogabilidade desse momento. Temos ao menos um compassivo motivo autocentrado para não temer passar por isso: pelas projeções correntes, nesse meio-tempo a biosfera provavelmente já terá sido destruída por diversos tipos mais lentos de aquecimento. Como espécie sobre a Terra, segundo muitos peritos otimistas, não temos muito mais éons à nossa frente.

Com que desprezo e desconfiança, então, devem se encarar aqueles que não estão dispostos a esperar, e que se iludem e aterrorizam os outros — em especial as crianças, como sempre — com horríveis visões do apocalipse, seguido de um julgamento severo daquele que supostamente, para começo

de conversa, nos pôs neste inescapável dilema. Podemos rir agora daqueles pregadores de inferno e danação que adoravam assustar almas jovens com descrições pornográficas de tortura eterna, mas esse fenômeno reapareceu numa forma mais preocupante com a santa aliança entre os crentes e o que podem tomar emprestado ou roubar do mundo da ciência. Temos aí Pervez Hoodbhoy, distinto professor de física nuclear e de altas energias da Universidade de Islamabad, no Paquistão, escrevendo sobre a assustadora mentalidade que prevalece em seu país — um dos primeiros Estados do mundo a definir sua nacionalidade pela religião:

Num debate público às vésperas dos testes nucleares paquistaneses, o ex-chefe do Exército paquistanês, general Mirza Aslam Beg, disse: “Podemos fazer um primeiro ataque, e um segundo e até mesmo um terceiro”. A perspectiva de uma guerra nuclear não o comoveu. “Você pode morrer atravessando a rua”, disse ele, “ou pode morrer numa guerra nuclear. Você tem que morrer algum dia, de algum jeito.” [...] A Índia e o Paquistão são sociedades amplamente tradicionais, onde a estrutura de crença fundamental exige abdicção do poder e rendição a forças maiores. Uma crença fatalista hindu de que os astros no alto determinam o nosso destino, ou a equivalente crença muçulmana no *kismet*, com certeza contribuem para parte do problema.^[14]

Não vou discordar do corajosíssimo professor Hoodbhoy, que ajudou a nos alertar para o fato de que havia diversos simpatizantes secretos de Bin Laden entre os burocratas do programa nuclear paquistanês, e que também expôs os selvagens fanáticos dentro desse sistema, que tinham esperança de domar o poder dos míticos *djinnns*, ou demônios do deserto, para propósitos militares. Em seu mundo, os inimigos são basicamente muçulmanos e hindus. Mas também no mundo “judaico-cristão” existem aqueles que gostam de fantasiar sobre o conflito final e adornar a visão com nuvens em forma de cogumelo. É uma ironia trágica e potencialmente letal que aqueles que mais desprezam a ciência e o método da livre investigação tenham podido usufruir dela e anexar os sofisticados produtos resultantes aos seus sonhos doentios.

O desejo de morte, ou algo não muito diferente, pode estar secretamente presente em todos nós. Na virada de ano de 1999 para 2000, muita gente culta falou e publicou infinitos absurdos sobre uma série de possíveis calamidades e dramas. Isso não era melhor que numerologia primitiva: na verdade, até um pouco pior, considerando que 2000 era apenas

*image
not
available*

1988. Isso teria produzido o próprio Armagedom (o encerramento da “Tribulação”), em 1995. O sr. Lindsey pode ser um charlatão, mas é certeza de que ele e seus seguidores sofrem de uma persistente sensação de anticlímax.

*image
not
available*

formado (não que ele conhecesse a palavra como nós a conhecemos) de um ser humano estava contido dentro de cada espermatozoide individual. Tudo que nos resta é lamentar as palestras sombrias e estúpidas acerca de continência sexual das quais poderíamos ter sido poupados se esse absurdo tivesse sido exposto antes do que foi. Agostinho era um fantasista autocentrado e um geocêntrico ignorante: estava culpadamente convencido de que deus se importava com seu roubo trivial de algumas pereiras sem importância e bastante persuadido — por um solipsismo análogo — de que o Sol girava em volta da Terra. E também fabricou a louca e cruel ideia de que as almas de crianças não batizadas eram mandadas para o “limbo”. Quem é capaz de imaginar a carga de sofrimento que essa doentia “teoria” impôs a milhões de pais católicos durante os anos, até sua acanhada e apenas parcial revisão pela igreja da nossa época? Lutero tinha terror de demônios e acreditava que os mentalmente perturbados eram obra do diabo. Maomé, alegam seus seguidores, pensava, assim como Jesus, que o deserto pululava de *djinns*, ou espíritos malignos.

Deve-se afirmar claramente. A religião vem de um período da pré-história humana em que ninguém — nem mesmo o poderoso Demócrito, que concluiu que toda a matéria era feita de átomos — tinha a menor ideia do que se passava. Ela provém da aflitiva e medrosa primeira infância da nossa espécie e é uma tentativa infantil de atender à nossa inescapável demanda de conhecimento (bem como de conforto, segurança e outras necessidades infantis). Hoje, o menos culto dos meus filhos sabe muito mais sobre a ordem natural que qualquer um dos fundadores de religiões, e seria gostoso pensar que — embora a conexão não seja totalmente demonstrável — é por isso que parece tão pouco interessado em mandar seus semelhantes humanos para o inferno.

Todas as tentativas de conciliar fé com ciência e razão estão consignadas ao fracasso e ao ridículo, precisamente por esses motivos. Leio, por exemplo, sobre alguma conferência ecumênica de cristãos que desejam mostrar sua mente aberta e convidam alguns físicos para participar. Mas sou compelido a recordar o que sei — que, para começar, em primeiro lugar, não existiriam tais igrejas se a humanidade não tivesse medo do clima, do escuro, da peste, do eclipse e de todo tipo de outras coisas não explicáveis

facilmente. E também se a humanidade não tivesse sido obrigada a pagar, sofrendo a dor de consequências extremamente angustiantes, dízimos e taxas exorbitantes que ergueram os imponentes edifícios da religião.

É verdade que cientistas às vezes foram religiosos ou, no mínimo, supersticiosos. Sir Isaac Newton, por exemplo, era um espiritualista e alquimista de um tipo particularmente risível. Fred Hoyle, um ex-agnóstico que ficou apaixonado pela ideia de “desígnio”, ou projeto, foi o astrônomo de Cambridge que cunhou o termo “big bang”. (Aliás, ele veio com essa expressão tola numa tentativa de desacreditar o que é agora a teoria aceita para a origem do universo. Esse foi um dos tiros que, por assim dizer, saíram pela culatra, uma vez que, da mesma maneira que “Tory” e “impressionista” e “sufragista”, foi adotado por aqueles a quem era dirigido.) Steven Hawking não é crente, e quando foi convidado a Roma para se encontrar com o falecido papa João Paulo II, pediu que lhe fossem mostrados os registros do julgamento de Galileu. Mas ele fala sem constrangimento da chance de a física “conhecer a mente de Deus”, e isso agora parece uma metáfora bastante inofensiva, como, por exemplo, quando os Beach Boys cantam ou dizem: “God only knows...” [Só Deus sabe...].

Antes de Charles Darwin revolucionar todo o nosso conceito sobre as nossas origens, e de Albert Einstein fazer o mesmo com o começo do nosso cosmo, muitos cientistas, filósofos e matemáticos assumiam o que poderia ser chamado de posição “em cima do muro” e professavam uma ou outra espécie de deísmo, sustentando que a ordem e a previsibilidade do universo pareciam de fato implicar um projetista, se não um projetista que participasse ativamente dos assuntos humanos. Essa postura de transigência era lógica e racional para a época, e sobretudo influente entre os intelectuais da Filadélfia e da Virgínia, tais como Benjamin Franklin e Thomas Jefferson, que conseguiram capturar um momento de crise e usá-lo para introduzir valores do Iluminismo nos documentos da fundação dos Estados Unidos da América.

Contudo, como São Paulo inesquecivelmente disse, quando se é criança, a pessoa sente e pensa como criança. Mas quando se torna homem, deixam-se de lado as coisas infantis. Não é possível localizar o momento exato em que homens estudados deixaram de jogar a moeda entre um

criador e um longo e complexo processo, ou cessaram de tentar cindir a diferença “deísta”, mas a humanidade começou a crescer um pouco nas últimas décadas do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX. (Charles Darwin nasceu em 1809, no mesmo dia que Abraham Lincoln, e não há dúvida sobre qual deles provou ser o maior “emancipador”.) Se alguém tivesse de imitar a bobagem do arcebispo Ussher e tentasse vir com a data exata na qual a moeda conceitual caiu consistentemente de um lado, seria o momento em que Pierre-Simon de Laplace foi convidado a se encontrar com Napoleão Bonaparte.

Laplace (1749-1827) foi o brilhante cientista francês que levou o trabalho de Newton um passo adiante e mostrou, por meio do cálculo matemático, como as operações do sistema solar eram aquelas de corpos girando sistematicamente num vácuo. Quando, mais tarde, ele voltou sua atenção para as estrelas e nebulosas, postulou a ideia de colapso e implosão gravitacional, ou aquilo que agora tranquilamente chamamos de “buraco negro”. Num livro em cinco volumes intitulado *Mecânica celeste*, ele apresentou tudo isso e, como muitos homens de seu tempo, também era intrigado com o planetário, um modelo funcional do sistema solar visto, pela primeira vez, *de fora*. Tudo isso agora são lugares-comuns, mas na época eram revolucionários, e o imperador pediu para se encontrar com Laplace e ganhar de presente um conjunto de livros ou (os relatos diferem) uma versão do planetário. Pessoalmente desconfio que o coveiro da Revolução Francesa queria o brinquedo e não os volumes: era um homem apressado e tinha conseguido fazer com que a igreja batizasse sua ditadura com uma coroa. Em todo caso, na sua maneira infantil, exigente e insensível, ele quis saber por que a cifra de deus não aparecia nos cálculos de Laplace. E aí veio a tranquila, sublime e refletida resposta: “Je n’ai pas besoin de cette hypothèse” [Eu não preciso dessa hipótese]. Laplace se tornaria marquês e poderia mais modestamente ter dito: “Funciona bem sem essa ideia, Majestade”. Mas simplesmente afirmou que não precisava dela.

E nós tampouco. A decadência, o colapso e o descrédito da adoração a deus não começam em nenhum momento dramático, tal como o histriônico e autocontraditório pronunciamento de Nietzsche de que deus estava morto. Nietzsche não poderia ter sabido disso, ou feito a suposição de que deus